

Universidade Brasil
Campus São Paulo

SANDRO COSTA GONÇALVES

**ECONOMIA CIRCULAR: ANÁLISE E APLICABILIDADE NAS
ORGANIZAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA
DOS STAKEHOLDERS**

**CIRCULAR ECONOMY: ANALYSIS AND APPLICABILITY IN ORGANIZATIONS
IN THE STAKEHOLDERS THEORY POINT OF VIEW**

SÃO PAULO
2019

Sandro Costa Gonçalves

**ECONOMIA CIRCULAR: ANÁLISE E APLICABILIDADE NAS ORGANIZAÇÕES
SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DOS STAKEHOLDERS**

Orientador: Prof. Dr. Evandro Roberto Tagliaferro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais da Universidade Brasil, como complementação dos
créditos necessários para obtenção do título de Mestre em
Ciências Ambientais.

SÃO PAULO

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

G624e Gonçalves, Sandro Costa.
Economia Circular: Análise e Aplicabilidade nas
Organizações sob a perspectiva da Teoria dos Stakeholders/
Sandro Costa Gonçalves.
São Paulo – SP: [s.n.], 2019.
72 p.: il.; 29,5cm.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil, co-
mo complementação dos créditos necessários para obtenção
do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Roberto Tagliaferro.

1.Economia de Berço ao Berço. 2.Equilíbrio Sustentável.
3.Lucro dos Stakeholders. I. Título.

CDD 658.401

Termo de Autorização

Para Publicação de Dissertações e Teses no Formato Eletrônico na Página WWW do Respeetivo Programa da Universidade Brasil e no Banco de Teses da CAPES

Na qualidade de titular(es) dos direitos de autor da publicação, e de acordo com a Portaria CAPES no. 13, de 15 de fevereiro de 2006, autorizo(amos) a Universidade Brasil a disponibilizar através do site <http://www.universidadebrasil.edu.br>, na página do respectivo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, bem como no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, através do site <http://bancodeteses.capes.gov.br>, a versão digital do texto integral da Dissertação/Tese abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira.

A utilização do conteúdo deste texto, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, fica condicionada à citação da fonte.

Título do Trabalho: "ECONOMIA CIRCULAR: ANÁLISE E APLICABILIDADE NAS ORGANIZAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DOS STAKEHOLDERS"

Autor(es):

Discente: Sandro Costa Gonçalves

Assinatura: _____

Orientador: Evandro Roberto Tagliaferro

Assinatura: _____

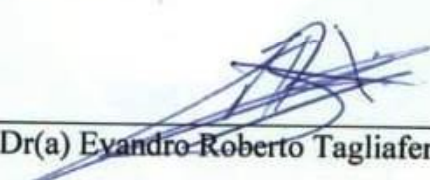
Data: 25/setembro/2019

TERMO DE APROVAÇÃO

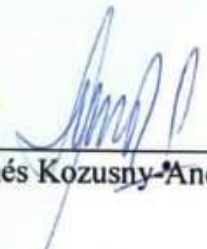
SANDRO COSTA GONÇALVES

**“ECONOMIA CIRCULAR: ANÁLISE E APLICABILIDADE NAS
ORGANIZAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DOS
STAKEHOLDERS”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil, pela seguinte banca examinadora:



Prof(a). Dr(a) Eyandro Roberto Tagliaferro (Presidente)



Prof(a). Dr(a). Dora Inés Kozusny-Andreani (Universidade Brasil)

Jales)



Prof(a). Dr(a). Edy Carlos Santos de Lima (Faculdade de Tecnologia de

Fernandópolis, 25 de setembro de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, pelo dom da vida.

Aos meus pais Adilson e Cenira (in memorian), que dignamente me apresentaram à importância da vida e ao caminho da honestidade e persistência. Exemplos de amor, carinho, honestidade e perseverança, modelos a serem seguidos.

À minha família, por acreditar em mim sempre!

Aos amigos e colegas, em especial a alguns, pelo incentivo, pelas risadas e por não me deixarem desistir, mesmo nos momentos de maior dificuldade.

Ao meu orientador pelo engajamento a este trabalho. Esta vitória também é sua!

Aos professores que mais do que repassar conteúdos, ajudaram na minha formação de maneira enriquecedora, sempre permeando suas atitudes com ética e profissionalismo.

À minha filha, eterna princesinha.

Àqueles que passaram pela minha vida durante toda esta jornada e que contribuíram de alguma forma para esta conquista.

Àqueles que fazem parte da minha vida hoje e que são luzes no meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram diretamente e indiretamente me auxiliando durante a jornada de estudos do mestrado, tanto no plano material quanto no plano espiritual.

Agradeço a todos pela experiência vivida, sinceramente o meu Muito Obrigado, especialmente ao meu orientador Prof. Evandro Roberto Tagliaferro, pela paciência, compreensão e dedicação!

Ao agradecer a todos também estou agradecendo a DEUS, pois somos um com ELE.

EPÍGRAFE

“Toda decisão que você toma - toda decisão - não é uma decisão sobre o que você faz. É uma decisão sobre Quem Você É. Quando você vê isso, quando você entende isso, tudo muda. Você começa a ver a vida de um modo novo. Todos eventos, ocorrências, e situações se transformam em oportunidades para fazer o que você veio fazer aqui.”

Walsch Neale Donald

ECONOMIA CIRCULAR: ANÁLISE E APLICABILIDADE NAS ORGANIZAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DOS STAKEHOLDERS

RESUMO

A economia, a sociedade e o meio ambiente se encontram cada vez mais interligados, tornando necessário o contínuo estudo de fatores globais, como a escassez de recursos naturais e outros impactos ambientais, na tentativa de contribuir com formas eficazes para a reversão destes cenários e perpetuação das atividades produtivas. Objetivando analisar os benefícios e dificuldades em se utilizar a circularidade dos mais variados produtos e serviços, o trabalho apresenta uma investigação sobre o modelo de Economia Circular (EC) e sua aplicabilidade junto a Teoria dos *Stakeholders* (TS). Seu delineamento utilizou-se de estudos que traçaram o estado da arte apresentando o que há de mais relevante sobre os temas. Pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, descritiva, exploratória pautou-se na seleção e análise de 20 trabalhos, entre teses e dissertações, que permitiram compreender o modelo de EC e a influência dos *stakeholders* nas organizações. Outras bibliografias científicas deram suporte a pesquisa. Verificou-se que a integração de seus interesses constitui o ponto primordial de seu desempenho como investidores e consumidores das marcas que operam com o modelo de EC. A pesquisa revelou ainda que o sucesso das organizações envolve a necessidade de implementação de ações sustentáveis e a conscientização de seus *stakeholders*. Foi possível averiguar a importância da EC para o equilíbrio entre as necessidades da sociedade, seus interesses e a preservação do ambiente, ao analisar sua aplicabilidade nas organizações sob a perspectiva dos *stakeholders*.

Palavras chave: Econômica de Berço ao Berço; Equilíbrio Sustentável; Lucro dos Stakeholders.

CIRCULAR ECONOMY: ANALYSIS AND APPLICABILITY IN ORGANIZATIONS IN THE STAKEHOLDERS THEORY POINT OF VIEW

ABSTRACT

Economy, society and environment are increasingly interconnected, making necessary the continuous study of global factors, like the scarcity of natural resources, among other environmental impacts. Trying to contribute with effective ways to reverse these scenarios and perpetuate the productive activities. Aiming to analyze the benefits and difficulties in the use of the circularity of several products and services, the issue presents an investigation about the Circular Economy (CE) model and its applicability to the Stakeholders Theory (ST). Its design used studies that have drawn the state of art presenting the most relevant issues on the themes. Bibliographic research, with qualitative, descriptive and exploratory approach, starting from the analyze of a 20 papers selection, among theses and dissertations, which turn possible to understand the CE model and the influence of the stakeholders in organizations. Other scientific bibliographies supported the research. It was found that the integration of their interests constitutes the main point of their performance as investors and consumers of the brands that operate with the CE model. The research revealed that the success of organizations involves the needs of implementation of sustainable actions and the awareness of their stakeholders. It was possible to verify the importance of the CE for the balance of the society needs, their interests and environmental preservation, analyzing its applicability in organizations from the stakeholder's theory point of view.

Keywords: Cradle to Cradle Economy; Sustainable Balance; Stakeholders Profit.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistema linear e Economia Circular.....	29
Figura 2 - Tipos de Stakeholder.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Propostas de classificação dos stakeholders.....	31
Tabela 2 - Definições clássicas da Teoria dos stakeholders.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teses e Dissertações sobre Economia Circular.....	40
Quadro 2 - Teses e Dissertações sobre Stakeholders.....	41
Quadro 3 - Áreas de conhecimento para a Economia Circular.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recorrência Temas identificados nos 10 trabalhos analisados..... 42

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

EC – Economia Circular

EEE – Equipamentos Eletroeletrônicos

EL – Economia Linear

ONU – Organização das Nações Unidas

PTNF – Parque Tecnológico do Norte Fluminense

SGS – Sistema de Gestão de Stakeholders

SRI – Stanford Research Institute

TS – Teoria dos Stakeholders

UNEP– United Nations Environmental Programmes Cleaner Production worldwide

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Relevância do tema	18
1.2	19
2. REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1.	21
2.2. Erro! Indicador não definido.	
2.3. Erro! Indicador não definido.	
2.3.1. Erro! Indicador não definido.	
2.4. Erro! Indicador não definido.	
3.	39
3.1. Erro! Indicador não definido.	
4. Erro! Indicador não definido.	
4.1. Economia Circular	42
4.3. Inter-relação da EC com a TS	57
5. Erro! Indicador não definido.	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXO A	66

1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre a degradação do meio ambiente e uso irrestrito dos recursos naturais estão cada vez mais intensas em todas as partes do mundo. O consumismo e a busca em suprir necessidades pessoais tem se colocado a frente de temas como preservação e consciência ambiental apesar desses pautarem muitos tratados internacionais numa luta pela preservação da vida em nosso planeta. Neste contexto surge um novo olhar; uma proposta de mudança nos padrões de produção e consumo globais: os métodos de Economia Circular (EC).

De acordo com a Rede CE100 Brasil (2017) a EC tem por objetivo a circularidade no uso de materiais e energias de uma forma direcionada, isto é, desde o delineamento dos produtos; em uma tentativa de minimizar danos recorrentes, como o descarte inadequado de resíduos, a poluição ambiental em grande escala, entre outros.

Apesar do conceito de EC não ser novo, sua adesão ainda é um grande desafio. O debate, em nível global, intensificou-se, com maior ênfase, a partir do ano de 2017, principalmente em conferências internacionais sobre questões ambientais (ONU, 2008).

De acordo com Stahel (2010) a EC está associada ao uso de materiais em seu estágio final de consumo, tratando-se de uma abordagem de utilização de início sem fim dos produtos.

Com as mudanças sociais e o surgimento das tecnologias de comunicação e informação, bem como a ampliação e abertura de fronteiras econômicas, a aproximação dos mercados financeiros, entre outros fatores, estabeleceram a necessidade de mudanças comportamentais e organizacionais, que acabaram por ocasionar maiores impactos negativos ao meio ambiente.

Neste contexto torna-se determinante a atualização e reestruturação das formas de atuação dos atores nas organizações e comunidades em que estejam inseridos, o que nos remete a uma investigação pontuada na seguinte questão: Qual a aplicabilidade e benefícios do modelo de Economia Circular para o contexto atual?

Segundo Santiago (2015) a EC propõe alternativas para um modelo de desenvolvimento de uma economia sustentável, sobre a hipótese de dissociar o

crescimento econômico do uso dos recursos naturais, promovendo uma economia que é restaurativa e regenerativa ao planeta.

Na busca por soluções para os problemas como o aquecimento global e perdas da biodiversidade, as mudanças nas relações entre empresa e sociedade vem afetando a gestão das organizações e, conseqüentemente, o papel do gestor, que tem como uma de suas principais atribuições, elaborar e implantar modelos de gestão que tenham responsabilidade social e ao mesmo tempo garantam o sucesso empresarial. A EC vem ao encontro dessa demanda dos gestores, que assumem “uma rede de relações entre a empresa e seus *stakeholders*” (ROCHA e GOLDSCHMIDT, 2010, p. 15).

Segundo Oliveira (2008) a gestão das organizações se configura pela relação de troca entre os *stakeholders*, ou seja, entre a empresa, os acionistas, e demais membros ligados direta e indiretamente a ela.

Ao trazer para a discussão a EC deve-se atentar aos diferentes tipos de teorias existentes nas organizações e conceituá-las em análises que possibilitem uma melhor compreensão da importância da teoria da EC e sua relação, inclusive para com a responsabilidade social.

1.1 Relevância do tema

A disseminação do conceito de Ecoeficiência, nas últimas décadas, mostra-se insuficiente para as mudanças dos paradigmas da atual Economia Linear (EL), que consiste, em síntese, em processos e sistemas pautados sequencialmente pela extração, fabricação, utilização e descarte; o que resulta em danos muitas vezes irreparáveis ao meio ambiente e a sociedade.

Ecoeficiência é a união entre o fornecimento de bens e serviços sustentáveis a preços competitivos, que satisfaçam as necessidades humanas, promovendo a redução dos impactos ambientais e de consumo de recursos naturais (UNEP, 1995).

Na tentativa de minimizar esses impactos ambientais negativos, sugere-se uma reflexão baseada na EC, que, de acordo com MacArthur (2012) tem por objetivo redefinir a ideia de crescimento, com foco em benefícios para toda a sociedade; envolvendo a dissociação de atividades econômicas de consumo dos recursos finitos, eliminando resíduos do sistema por princípio. Ancorada por uma

transição para fontes de energia renovável, e construindo assim o capital econômico, natural e social.

A EC impulsiona novas práticas de gestão e revela oportunidades, criando valor às organizações em harmonia com o meio ambiente; aperfeiçoa o fluxo de bens maximizando o aproveitamento dos recursos naturais e minimizando a produção de resíduos, permitindo assim a valorização dos produtos.

Esta nova ótica de sustentabilidade abre grandes possibilidades que devem ser consideradas pelas empresas como recurso e estímulo para um crescimento com bases sólidas, além das vantagens competitivas num mercado dinâmico e global; trazendo benefícios operacionais estratégicos, oportunidades de inovação de produtos, processos e modelos de negócios, geração de empregos estimulando o crescimento econômico sustentável, com efeitos positivos sobre a saúde econômica, ecológica e social, opondo-se a ideia de que o crescimento é prejudicial para o ambiente.

Sob esta perspectiva o presente trabalho traça um panorama dos conceitos de EC, e seus benefícios, na intenção de contribuir significativamente para o bem estar e futuro da humanidade, onde haja harmonia entre as necessidades de consumo e adequação de sistemas, de forma mais consciente, para atender esta demanda.

A economia, a sociedade e o meio ambiente se encontram cada vez mais interligados, se fazendo necessário o contínuo estudo dos fatores globais, como a escassez de recursos naturais, que geram impactos negativos consideráveis, na tentativa de contribuir com formas eficazes para a reversão deste cenário e perpetuação das atividades produtivas.

1.2 Objetivo geral e objetivos específicos

Analisar a aplicabilidade nas organizações da EC sob a perspectiva dos stakeholders.

Entre os objetivos específicos encontram-se:

- Conceituar Economia Circular (EC) e Teoria *stakeholders* (TS);
- Identificar os benefícios da EC na preservação do meio ambiente
- Apresentar a Economia Linear e seus impactos ao meio ambiente;

- Descrever dados obtidos na pesquisa exploratória, relacionando-os com os impactos e transformações positivas da sociedade, tendo por base a análise dos trabalhos existentes sobre EC e TS.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Estudos sobre a EC e a Teoria dos *Stakeholders* (TS), seguido de uma análise sobre a economia linear e seus malefícios são primordiais para o embasamento teórico que fornecerá as ferramentas necessárias para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa.

2.1. Economia

A etimologia da palavra Economia vem do grego e significa 'cuidar da casa', apontando para a necessidade de encontrar moldes focados no desenvolvimento sustentável. É a ciência que analisa a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços. Do ponto de vista social, o termo se refere ao conjunto de estudos científicos sobre a atividade econômica, com a criação de teorias e modelos. Estes, por sua vez, podem ser aplicados à gestão econômica, que é o lado prático da Economia (LEGNAIOLI, 2019).

Genericamente, economia pode ser usada para se referir à situação econômica e às ações tomadas por um país para aumentar sua riqueza ou diminuir a pobreza, mas sua origem está na junção dos termos gregos *oikos*, que significa casa, e *nomos*, gerir ou administrar. Assim, o 'cuidado da casa' é à base da economia apontando para a necessidade de buscar modelos econômicos que cuidem da casa, do ser humano e do meio ambiente, permitindo que nosso desenvolvimento seja de modo sustentável.

A economia é dividida em dois ramos, a economia aplica seus conhecimentos para análise e gestão dos mais variados tipos de organizações humanas, de entidades públicas a setores comerciais. A microeconomia e a macroeconomia estudam, respectivamente, os comportamentos individuais e quais são os seus resultados agregados em conjunto. Para analisar todos esses grupos de ações possíveis e prever os rumos a serem tomados por governos e empresas, foram criadas várias formas de economia, como a economia sustentável, a circular, a criativa, entre outros (LEGNAIOLI, 2019).

Conhecer os modelos econômicos vigentes, sobretudo aqueles que defendem o desenvolvimento sustentável, em oposição ao modelo linear de crescimento econômico a qualquer custo, mostra-se de extrema importância para

um maior entendimento quanto aos fatores que envolvem as mudanças de paradigmas propostas pelos novos conceitos de EC.

Desta forma, pode-se reportar à **Economia Sustentável** como um conceito que possui muitas abordagens, mas, em linhas gerais, é aquela que trata um conjunto de práticas que defende o lucro desde que se tenha qualidade de vida e harmonia com a natureza, focando no bem estar e crescimento, tendo os indivíduos no centro do processo de desenvolvimento (LEGNAIOLI, 2019).

A **Economia Solidária**, acrescenta-nos a autora, é um modo de produção alternativo. Seus princípios fundamentais são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade. Já a **Economia Colaborativa**, também conhecida como economia compartilhada, tem como base a regra de dividir, em vez de acumular, buscando facilitar a troca de produtos e serviços, sem focar tanto no lucro.

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu **Economia Verde** como “uma economia que resulta em melhoria do bem-estar da humanidade e igualdade social, ao mesmo tempo em que reduz os riscos ambientais e a escassez ecológica”. Suas características preponderantes são o baixo carbono, o uso eficiente dos recursos naturais e a inclusão social. Nesta economia, a proposta é o consumo consciente, reciclagem, reutilização de bens, uso de energia limpa e valorização da biodiversidade (ONU, 2008).

Para Igui Ecologia (2018) a **Economia Circular**, por sua vez, apresenta em sua conceituação uma base inspirada na inteligência da natureza, onde os resíduos são insumos para gerar novos produtos (tudo é entendido como início para um novo ciclo).

Esses conceitos contemporâneos de economia surgiram como uma forma de contrapor a já conhecida Economia Linear e os impactos negativos dela decorrentes, razão pela qual se faz necessário um entendimento mais aprofundado desse conceito.

2.2. Economia Linear

Kaleydos (2019) define economia linear como uma maneira de organização da sociedade que se baseia na extração crescente de recursos naturais, onde os produtos feitos a partir desses recursos são utilizados até serem descartados como

resíduos. Nessa forma de economia, a maximização do valor dos produtos se dá pela maior quantidade de extração e produção.

De acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública (ABRELPE, 2018), os quase três mil lixões que existem no Brasil, são um forte indicativo que existe algo extremamente errado no modelo atual de produção.

Na Economia Linear os resíduos são gerados a todo o momento e em volumes crescentes. O mau gerenciamento desses resíduos agrava o problema. Atualmente, mais de 3.300 cidades brasileiras recorrem a depósitos irregulares, como os lixões, para armazenar esses resíduos, já que os aterros sanitários não são suficientes para este descarte (BAST, 2018).

Desde a Revolução Industrial a economia linear estimula a constante substituição dos produtos, sem se preocupar com o reuso de seus resíduos e reaproveitamento adequado dos recursos, assim contribuído de forma nada sustentável para com o meio ambiente e a própria economia.

A EL tem sido considerada um modelo de organização econômica inviável, uma vez que, a longo prazo, os limites de regeneração do planeta, bem como as fontes de recursos naturais mostram sinais de esgotamento já há um bom tempo, e, findarão muito em breve, tornando insustentável a manutenção desse modelo econômico e todo o sistema de produção e consumo baseado em suas premissas.

A importância dos impactos desse modelo de economia é extremo, apesar de serem praticamente ignorados por uma grande maioria, o que nos faz listar em destaque algumas desvantagens mais notáveis, descritas por (KALEYDOS, 2019):

(1) Limitação de suprimento: a incerteza sobre a disponibilidade de recursos para a manutenção do sistema, constatadas na existência de limites planetários e aumento da população;

(2) Volatilidade dos preços: flutuação nos preços das *commodities* (produtos de base em estado bruto) que aumenta consideravelmente os preços médios, causando problemas para aos produtores e compradores de matérias-primas, aumentando os riscos no mercado, tornando os investimentos no fornecimento de materiais inviáveis e aumentando os preços das matérias-primas;

(3) Materiais críticos: evidenciados nas indústrias que fazem uso extensivo de materiais críticos para sua produção, sendo mais notáveis nas indústrias metalúrgicas, nas indústrias de computadores e eletrônicos, nas indústrias de equipamentos elétricos e nas indústrias automotivas e de transportes. Essa

dependência de materiais críticos afeta diretamente as indústrias que dependem das flutuações nos preços dos materiais, tornando-as menos competitivas do que os concorrentes que não possuem essa dependência;

(4) Resíduo eletrônico: representa risco crescente ao meio ambiente, em razão dos inúmeros componentes químicos liberados quando descartados de forma inadequada;

(5) Interdependência: com o aumento das atividades comerciais, a interdependência dos produtos se encontra cada vez mais acentuada, como acontece, por exemplo, nos países com escassez de água, mas com excesso de petróleo bruto. Muitos produtos dependem da água e dos combustíveis, essa interdependência, e a escassez de determinada matéria-prima teria um impacto generalizado sobre os preços e a disponibilidade dos produtos;

(6) Aumento de externalidades: são os efeitos sociais, econômicos e ambientais indiretamente causados pela venda de um produto ou serviço, que se resumem na diferença entre custos privados e custos sociais, ou entre lucros privados e lucros sociais. Isso significa que as externalidades nascem na economia, podendo ser, na maioria das vezes, negativas causando danos aos ecossistemas, redução na vida útil do produto e o desajuste com a demanda.

O modelo linear de economia, portanto, leva à criação de resíduos, estes causados pelos processos de produção e descarte após sua vida útil, gerando grandes fluxos de material não aproveitado, cuja destinação final, muitas vezes é realizada de forma inadequada, resultando novamente em impactos ambientais negativos, sobrecarregando ainda mais os ecossistemas, além de caracterizarem em um enorme prejuízo pelo desperdício de materiais e energia contidos nesses resíduos (IGUI ECOLOGIA, 2018).

Todas essas questões remetem a necessidade da reflexão sobre novos modelos de economia que possam minimizar tais impactos negativos, possibilitando maiores condições para alcançar a sustentabilidade.

2.3. Economia Circular

Os estudos que favoreceram a criação do modelo de EC datam da década de 70, onde se acentuaram a preocupação com o meio ambiente e os recursos naturais

disponíveis e necessários para as empresas e para a humanidade. Iniciava-se então uma maior conscientização sobre a necessidade de discussão e reflexão sobre as questões ambientais. No entanto, apenas na última década os estudos sobre EC mostraram-se mais relevantes em nosso país, havendo, ainda, pouca literatura disponível.

Vincent *et al* (2006), Scott (2013) e Datscheffski (2001) convergem suas teorias e conceitos, confirmando a importância e necessidade da natureza e seus elementos como fonte na resolução de problemas ligados à sustentabilidade. Alertam-nos a observar com mais atenção à natureza, sua genialidade é uma estratégia de sobrevivência para os seres humanos e um caminho para o futuro sustentável. De acordo com Benyus (2002), “quanto maior for a semelhança entre o nosso mundo e o mundo natural, maior será a probabilidade de nele se sobreviver”.

A Biomimética, por exemplo, consiste na imitação dos modelos, sistemas e elementos da natureza com a finalidade de resolver problemas humanos complexos, desde que sejam sustentáveis (VINCENT *et al*, 2006). Nesta concepção alerta-se que, até os envolvidos no processo de *design* dos produtos devem atentar para um trabalho urgente, na repaginação de suas criações, num sentido de torná-los 100% sustentáveis (DATSCHEFSKI, 2001).

Sob a ótica de autores como Dyllick e Hockerts (2002), Nidumolu; Prahalad e Rangaswami (2009) e Scott (2013), desenhar produtos eco-inteligentes, para serem benéficos aos seres humanos e a natureza, não se trata apenas de uma questão ética, é uma atitude de competitividade e desempenho, com base em um novo padrão de qualidade.

A EC engloba a responsabilidade da indústria em projetar seus produtos de forma sustentável. A introdução destes princípios inicia-se na fase do *design* e tem a potencialidade de criar novas oportunidades de negócio, tornando o produto mais valoroso, gerando vantagens competitivas para as empresas e uma maior aceitação por parte dos consumidores (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2017).

O conceito de Economia Circular (EC) está associado ao uso de materiais em seu estágio final de consumo, onde o termo resíduo não existe, sendo substituído por reaproveitável ou reciclável, contrastando com o modelo linear. A EC trata-se de uma abordagem de utilização de início sem fim, ou seja, “do berço ao berço” (*Cradle-to-Cradle*), uma abordagem cujo objetivo é a circulação de todos

os materiais como nutrientes, em ciclos biológicos ou técnicos, não existindo a ideia de resíduo; tudo é continuamente nutriente para um novo ciclo (STAHEL, 2010).

O arquiteto suíço Walter R. Stahel teve bastante influência no desenvolvimento da área de sustentabilidade industrial, sobretudo depois de ser reconhecido em 1982 pelo seu artigo *The Product-Life Factor*, com a atribuição de um prêmio pelo prestigiado *U.S. Mitchell Prize*, sendo esta a primeira publicação onde se referência a definição do circuito fechado da economia que hoje reconhece-se como “Economia Circular”, descrevendo o impacto de uma economia fechada em termos de eficiência de recursos, prevenção de resíduos, criação de emprego e o papel da inovação, ao defender a extensão de vida útil dos bens, com a reutilização, reparação, renovação e reciclagem, e como eles se aplicam às economias industrializadas (STAHEL, 2010).

As ideias de Stahel influenciaram a dupla constituída pelo químico alemão Michael Braungart e pelo arquiteto e *designer* americano William McDonough, que aperfeiçoaram o conceito C2C¹ em seu livro *Cradle-to-Cradle: Remaking the way we make things* publicado em 2002. Braungart e McDonough (2002) especificam detalhes de como alcançar este modelo sustentável, descreveram que a EC consiste em uma visão, um conjunto de princípios fundamentais para a próxima revolução industrial que já está em andamento.

Na economia circular, a sustentabilidade é melhorada por meio do reforço da eco-efetividade do sistema, isso implica em inovações radicais e mudanças estruturais profundas, a fim de tornarem as empresas sustentáveis.

Partindo do pressuposto que o sistema industrial deve ser restaurativo ou regenerativo por princípio, a ideia é que não haja fim da vida do produto ou de seus componentes, e sim sua restauração, uma menor geração de impacto ambiental, por meio da melhoria do desenho industrial e dos negócios.

Assim, a EC funciona de acordo com o princípio dos 3R's (Reduzir, Reutilizar e Reciclar). Entende-se que nessa economia os resíduos são produzidos de maneira a evitar o desperdício. Os produtos são projetados para um ciclo de desmontagem e reutilização. Essa atitude de ciclos rígidos de componentes e produtos é a mais fiel definição para a economia circular, a diferenciando dos

¹ C2C: abreviação de Cradle to Cradle, que em inglês quer dizer do Berço ao Berço.

métodos de descarte e até mesmo da reciclagem, onde muita energia e mão-de-obra são desperdiçadas.

A circularidade introduz uma diferenciação estrita entre componentes consumíveis e duráveis de um produto, onde os consumíveis em geral são feitos de bases biológicas ou "nutrientes" que não são tóxicos e possivelmente até benéficos, podendo ser devolvidos com segurança à biosfera - diretamente ou em cascatas de usos consecutivos. Neste contexto, os bens duráveis, como motores ou computadores, que são feitos de materiais inadequados para a devolução na biosfera, e também os metais pesados e plásticos, são projetados desde o início para serem reutilizados (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2017).

A energia necessária para abastecer este ciclo deve ser renovável por natureza, para diminuir a dependência de recursos e aumentar a resiliência do sistema. Assim, o Igui Ecologia (2018), nos traz uma importante reflexão sobre os componentes técnicos dessa EC:

A economia circular substitui amplamente o conceito de consumidor pelo de um usuário. Isso exige um novo contrato entre as empresas e seus clientes com base no desempenho do produto. Ao contrário da economia linear que parte do princípio do "compre e consuma", os produtos duráveis são alugados ou compartilhados sempre que possível. Se eles são vendidos, existem incentivos ou acordos para garantir seu retorno ao sistema e, posteriormente, a reutilização do produto ou de seus componentes e materiais ao final de seu período de uso primário (IGUI ECOLOGIA, 2018).

Esses princípios impulsionam a criação de valores, contribuindo para o poder de circulação interna, onde se minimiza o uso de material em comparação ao sistema linear, ou seja, quanto mais forte for o círculo menos um produto precisa ser mudado para a reutilização. A reforma e remanufatura que dita que quanto mais rápido o produto for usado maior será o potencial de economia em termos materiais, de mão de obra, energia e capital englobados neste produto (IGUI ECOLOGIA, 2018).

Uma economia circular funciona de acordo com o princípio dos 3R's (Reduzir, Reutilizar e Reciclar). A extração de material é reduzida, quando possível, usando menos material. Os produtos são feitos de peças e materiais reutilizados e após o descarte os materiais e peças são reciclados. Assim o valor é criado com foco na retenção de valor, mantendo os fluxos de material tão puros quanto possível durante toda a cadeia de produção (STAHEL, 2010).

Girelli (2018) relatou que no ano de 2004, a marinheira *Ellen MacArthur* deu início a uma expedição a qual circundaria o planeta Terra sozinha levando consigo apenas o mínimo necessário para sobreviver para que sua viagem fosse mais leve e, portanto, mais rápida possível. Assim, se deu conta que seu barco era seu mundo, e que, em suas palavras:

Eu estava constantemente ciente dos limites de suprimentos e quando eu recordei, eu comecei a ver que nosso mundo não era diferente. Eu tinha me tornado extremamente consciente do verdadeiro significado da palavra "finito", e quando eu apliquei isso em recursos na economia global, percebi que houve grandes desafios pela frente (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2017, p. 44 *apud* GIRELLI, 2018).

Movida por esta realidade, em 2009, Ellen fundou o *Ellen MacArthur Foudation*, que atualmente é um dos grandes pontos de referência da economia circular e trabalha com empresas, governos e com a academia para construir um modelo de negócio sustentável em nível global.

Em 2010, inicia-se os trabalhos da fundação que se caracteriza por uma organização sem fins lucrativos que estuda e estimula a adoção da Economia Circular e afirma que esta virá substituir a economia linear e suas formas de insustentabilidade.

Os produtos com resíduos descartáveis, pela restauração, que evolui para a utilização de uma energia renovável, eliminando o uso de produtos químicos e tóxicos que prejudicam a reutilização, e tem como objetivo a eliminação de resíduos através do uso de *design* superior em materiais, produtos, sistemas e modelos de empresas (ELLEN MACARTHUR FOUADATION, 2012).

Portanto, a EC infere um modelo que aperfeiçoa o fluxo de bens, maximizando o aproveitamento dos recursos naturais e minimizando a produção de resíduos, permitindo a valorização do produto. Nesta dinâmica, consideram os *stakeholders*, que se tornaram parte fundamental neste processo, por oferecerem a base de sustentação dentro de uma empresa ou organização. Em síntese é necessário uma mudança de paradigma, onde as empresas consigam lucrar, minimizando os impactos ambientais negativos, sendo essa uma questão fundamental para a existência humana. O modelo de EC vem ao encontro dessa mudança (ELLEN MACARTHUR FOUADATION, 2012).

2.3.1. Eventos mundiais sobre Economia Circular

Os eventos que debatem a EC são recentes, porém contínuos. Países se reúnem num esforço para adotar medidas conjuntas na implantação desse modelo econômico sustentável, visando reduzir os impactos sobre o meio ambiente ocasionados pelo modelo convencional da Economia Linear que degradam o ambiente por meio, sobretudo do descarte de resíduos.

No Anexo I lista-se tais eventos e seus principais objetivos, assim como sua agenda futura, demonstrando o aparente envolvimento mundial constante para a mudança de paradigma em defesa do futuro da humanidade.

Apesar das discussões sobre EC não ultrapassarem a 3 décadas, nestes encontros internacionais é nítido o quanto vêm aumentando em curto prazo.

Segundo Eco.nomia (2019) no ano de 2017 foram dezessete eventos sobre o tema. Em 2018 foram cinquenta (um salto de aproximadamente 200%). E no ano de 2019 encontram-se efetivados quatorze eventos, sendo que dois já programados para acontecer. Tais fatos demonstram que a economia está preocupada e busca uma alternativa para seu enquadramento às questões voltadas a sustentabilidade, modificando, aparentemente, sua preocupação, antes focada em lucros imediatos, para ganhos superiores como a manutenção dos recursos naturais e a vida no planeta.

Contudo, se faz necessário um vigilante empenho nesta transição da Economia Linear para a Economia Circular, para que se alcance resultados mais concretos na preservação do planeta. A diferença entre essas duas economias é muito grande em relação a preservação ambiental (Figura 1).

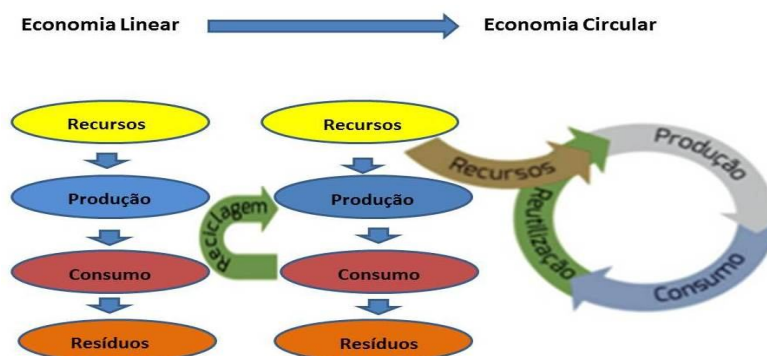


Figura 01: Sistema linear e Economia Circular
Fonte: Adaptado de Portal da Circular Economy Portugal (2019)

Minimizar os impactos negativos dos efeitos resultantes das práticas da Economia Linear exige grande empenho. Somente com a participação dos atores envolvidos nos processos sistêmicos de extração, produção, distribuição, consumo e pós-consumo a transição desse modelo para a EC pode se concretizar, resultando em avanços positivos na preservação e sustentabilidade do nosso meio ambiente, sociedade e economia. Neste contexto, o envolvimento dos *stakeholders* é de extrema importância, pois são eles que garantem a sustentabilidade econômica de qualquer segmento de produtos e/ou serviços.

2.4. Teoria dos Stakeholders (TS)

Pesquisas sobre a TS, bem como sua relação com o modelo de Economia Circular, são necessárias para uma compreensão de gestão onde todos ganhem: empresa, acionistas e o meio ambiente.

Segundo Donaldson e Preston (1995), o termo *stakeholder* foi inicialmente empregado na área de administração, em um memorando interno do *Stanford Research Institute – SRI* em 1963. O conceito inicial do termo era designar todos os grupos necessários à existência das empresas.

Acrescentam os autores que, de acordo com este memorando, os grupos de *stakeholders* incluiriam acionistas, empregados, clientes, fornecedores, credores e a sociedade, ou seja, todos os que forneciam o apoio necessário para a sobrevivência da organização e ainda propôs que os gestores deveriam compreender os interesses dos *stakeholders* e então desenvolver objetivos compatíveis a atendê-los.

Para Cintra *et al.* (2014), a expressão “*stakeholder*” no sentido de sua simples tradução literal é, como aquele ou o que “segura uma estaca” da base de sustentação de uma empresa ou organização. Etimologicamente o verbo “*to stake*” significa arriscar, colocar em risco um determinado valor (geralmente econômico), em um evento ou em um processo que possuam resultados incertos, com o objetivo de tentar ganhar outro valor (também, geralmente econômico).

Esclarece o autor que a palavra “*stakeholder*” significa “pessoa ou organização” que possui um valor econômico ou que é responsável pela guarda de um dado valor da econômica.

Além de seu significado, surgiram ainda na literatura, ao longo dos anos, diversas propostas de classificação dos *stakeholders* por importância (Tabela 01).

Tabela 1: Propostas de classificação dos stakeholders

Autores e ano da classificação	Proposta de classificação
<i>Goodpaster (1991)</i>	Propôs dois tipos de <i>stakeholders</i> : o estratégico e o moral. O <i>stakeholder</i> estratégico tem o poder de afetar a organização e deve ser gerido pela organização a fim de atingir seus objetivos. Já o <i>stakeholder</i> moral é afetado pela empresa e cabe à organização estabelecer um relacionamento ético com eles.
<i>Savage et al. (1991)</i>	Sugeriram avaliar o potencial de cada <i>stakeholder</i> quanto ao seu poder de ameaçar ou cooperar com a organização, sendo que esta pode-se prevenir definindo que atitude assumir ante cada um deles.
<i>Clarkson (1995)</i>	Os <i>stakeholders</i> podem ser divididos em dois: os primários (aqueles que têm relações contratuais formais ou oficiais com a empresa, como clientes, fornecedores, empregados, acionistas, entre outros) e os secundários (que não possuem tais contratos, como governos, comunidade local).
<i>Mitchell, Agle e Wood (1997)</i>	Propuseram o modelo <i>Stakeholder Saliency</i> , no qual definiram que é preciso classificar os <i>stakeholders</i> em termos de poder, legitimidade e urgência. Este critério de diferenciação dos grupos de <i>stakeholders</i> permite estabelecer prioridades e definir quais os interesses que serão atendidos.
<i>Rowley (1997)</i>	Baseou-se na Teoria das Redes Sociais, pois as empresas não respondem simplesmente a cada <i>stakeholder</i> individualmente, mas sim à interação de múltiplas influências de todo um conjunto de <i>stakeholders</i> . A sua proposta sustenta-se em dois fatores: densidade da rede e centralidade da organização focal.
<i>Scholes e Clutterbuck (1998)</i>	Estabeleceram como meio de classificar os <i>stakeholders</i> os seguintes fatores: poder de influência, impacto na organização e afinidade com os objetivos da organização.
<i>Frooman (1999)</i>	Baseou-se nos recursos necessários para a organização, e estabeleceu uma matriz que relaciona o poder e a dependência entre a organização e um determinado <i>stakeholder</i> .
<i>Kamann (2007)</i>	Relacionou o poder e o nível de interesse para separar e classificar os diversos tipos de <i>stakeholders</i> . Nesta classificação, procura encontrar os <i>stakeholders</i> chave, os <i>stakeholders</i> a manter (informados ou satisfeitos) e os <i>stakeholders</i> onde o esforço de relacionamento é mínimo, pois possuem pouco poder e pouco interesse na empresa.
<i>Fassin (2009)</i>	Propôs uma nova terminologia para diferenciar os <i>stakeholders</i> . Primeiro, existem os atores reais, essencialmente, os <i>stakeholders</i> clássicos da abordagem original restrita, aqueles que têm um interesse concreto, como funcionários, clientes, fornecedores. Há também aqueles <i>stakeholders</i> , tais como grupos de pressão, que realmente não têm um interesse direto na empresa, mas que protegem os interesses das partes reais, muitas vezes, como procuradores ou intermediários. O autor chamou-os de <i>stakewatchers</i> . Existe ainda outro grupo que está ainda mais distante da empresa: as entidades reguladoras independentes, que não têm interesse na empresa, mas têm influência e controle. Estes impõem regras e restrições, tendo a empresa pouco impacto direto sobre eles. Estes foram designados de <i>stakekeepers</i> .

Fonte: Adaptado de Mainardes *et al* (2011)

Entre as propostas de classificação listadas, a mais usada tem sido o modelo de Mitchell, Agle e Wood (1997), denominado de *Stakeholder Saliency*, considerado o modelo de classificação mais discutido e utilizado na literatura.

Já a definição mais empregada para o termo *stakeholder* é a de Freeman (1984), que descreve como qualquer indivíduo, ou grupo, que possa afetar a obtenção dos objetivos organizacionais ou que é afetado pelo processo de busca destes objetivos. O autor acrescenta que *stakeholders* são os grupos que têm direito legitimado sobre a organização.

Ladeira (2009) descreve que “os *shareholders* são considerados os proprietários investidores que possuem como interesses: os dividendos ao longo do tempo, os ganhos de capital, a maximização do valor da empresa e o máximo retorno total”.

Todavia, há outras definições encontradas, algumas mais amplas, como a de Mitchell, Agle e Wood (1997), sugerindo que a interferência dos *stakeholders* em uma organização se dá pela mediação de três atributos: poder, legitimidade e urgência, os quais se pode descrever da seguinte maneira:

(a) Poder: é a probabilidade que um ator tem dentro de um relacionamento social de estar numa posição de realizar sua própria vontade, apesar da resistência.

(b) Legitimidade: é a de que um *stakeholder* legítimo é aquele cujas ações são vistas como apropriadas, adequadas e legítimas dentro de um sistema social constituído de normas, valores, opiniões e definições (SUCHMAN, 1995).

(c) Urgência: é baseada na sensibilidade e criticidade de tempo em relação às demandas do *stakeholder* (JONES, 1995). É o grau com o qual o *stakeholder* pode reivindicar e ser imediatamente atendido.

A combinação desses três atributos gera sete tipos diferentes de *stakeholders* (Figura 2):



Figura 2: Tipos de Stakeholder
Fonte: Adaptado de Macapuna (2015)

Enfatiza que o papel dos *stakeholders*, na sustentabilidade da empresa, são as contribuições para a construção de um modelo de análise, que segue os seguintes critérios, apresentados por Macapuna (2015):

- **Stakeholder Adormecido:** Que tem poder para impor sua vontade na organização, porém não tem legitimidade ou urgência e, assim, seu poder fica em desuso, tendo pouca ou nenhuma interação com a empresa. Devendo a empresa conhecer esse *stakeholder* para monitorar seu potencial em conseguir um segundo atributo.
- **Stakeholder Arbitrário:** Aquele que possui legitimidade, mas não tem poder de influenciar a empresa nem alega urgência. A atenção que deve ser dada a essa parte interessada diz respeito à responsabilidade social corporativa, pois tende a ser mais receptiva.
- **Stakeholder Reivindicador:** É quando o atributo mais importante na administração do *stakeholder* for urgente, ele é reivindicador. Sem poder e sem legitimidade, não deve atrapalhar a empresa; porém deve ser monitorado quanto ao potencial de obter um outro atributo.
- **Stakeholder Dominante:** Este tem influência na empresa assegurada pelo poder e pela legitimidade. Espera e recebe muita atenção dos gestores.
- **Stakeholder Perigoso:** O que possui poder e urgência, porém não existe a legitimidade, o que existe é um *stakeholder* coercitivo e possivelmente violento para a organização, algo que é muito perigoso.

- **Stakeholder Dependente:** O que possui alegações com urgência e legitimidade, porém depende do poder de um outro *stakeholder* para ver suas reivindicações sendo levadas em consideração.
- **Stakeholder Definitivo:** Quando possui poder e legitimidade, já praticamente se configura como definitivo. Assim alega urgência, deve-se dar atenção imediata e priorizada a esse *stakeholder*.

Observa-se que o papel dos *stakeholders* são suas contribuições para a construção de um modelo sustentável. Assim sendo, para satisfazer os *stakeholders*, deve-se primeiro identificar aqueles que influenciam a organização, e assim priorizar suas necessidades (MACAPUNA, 2015).

Existem outras teorias, menos abrangentes, como a de Clarkson (1995), segundo o qual a empresa deixaria de existir apenas levando-se em conta os *stakeholders* primários, que teriam maior importância, deixando-se os secundários em segundo plano.

Segundo Freeman e McVea (2010):

A teoria dos *stakeholders* é sustentada na sociologia, na política de interesses de grupos específicos e no comportamento organizacional, sendo uma abordagem que prioriza o gerenciamento de relacionamentos entre os diversos atores que compõem o universo empresarial, procurando integrar seus diferentes interesses.

Nesse contexto, a relação da abordagem gerencial dos *stockholders* e suas contraposições surgem como um elemento instigante e de estímulo à reflexão, despertando o interesse pelo desenvolvimento de estudos reflexivos da temática.

Ainda de acordo com Freeman e Moutchinik (2013), a TS vai mais além, pois existem muitos outros componentes da sociedade que devem ser levadas em consideração na tomada de decisão da empresa: organismos governamentais, grupos políticos, organizações não-governamentais, as associações de empresas, os sindicatos de trabalhadores, associações de consumidores, os potenciais empregados, os potenciais clientes, as comunidades em que elas existem, ou das quais obtém recursos e, na verdade, a sociedade como um todo.

Os principais objetivos nas pesquisas de *stakeholders* têm sido identificar quem são os *stakeholders* da empresa, e determinar quais tipos de influências eles exercem (ROWLEY, 1997).

Muitos autores descreveram de forma diferente a TS. Xavier (2010) listou algumas diferentes definições clássicas encontradas na literatura (Tabela 02).

Tabela 2: Definições clássicas da Teoria dos stakeholders

Autores (Ano)	Definição
Freeman (1984)	A teoria dos <i>stakeholders</i> é a teoria de gestão estratégica, que fornece uma base para gerenciar as relações com grupos de interesse específicos de uma forma orientada para a ação.
Evan e Freeman (1988)	A teoria dos <i>stakeholders</i> das organizações modernas redefine o objetivo da organização, para que ele seja um veículo de coordenação dos interesses dos <i>stakeholders</i> .
Freeman (1994)	A teoria dos <i>stakeholders</i> não existe como uma única teoria, mas como um gênero de histórias que mistura os conceitos centrais de negócios com os da ética, que estão ligados à maneira que as organizações devem ser reguladas e da maneira que os gerentes devem agir.
Donaldson e Preston (1995)	A teoria dos <i>stakeholders</i> define a organização em três aspectos: descritivo, instrumental e normativo.
Mitchell, Agle e Wood (1997)	Na sua visão os <i>stakeholders</i> podem ser identificados pela posse de qualquer um dos seguintes atributos: poder, legitimidade, urgência.
Phillips (1997)	A teoria dos <i>stakeholders</i> é uma teoria sobre a ética organizacional.
Rowley (1997)	A teoria dos <i>stakeholders</i> é uma teoria que acomoda múltiplas demandas de <i>stakeholders</i> independentes e prevê como as organizações respondem à influência simultânea de múltiplos <i>stakeholders</i> .
Donaldson (1999)	A teoria dos <i>stakeholders</i> é uma teoria que defende que, se os gestores observarem os interesses dos <i>stakeholders</i> como tendo valor intrínseco e buscar atender a esses interesses, as organizações que administram vão alcançar um desempenho melhor nos indicadores tradicionais.
Jones e Wicks (1999)	As premissas essenciais da teoria dos <i>stakeholders</i> defendem que a organização possui relações com muitos grupos constituintes (<i>stakeholders</i>) que afetam e são afetados por suas decisões, a teoria se preocupa com a natureza dessas relações tanto em termos de processos e resultados para a organização quanto para os <i>stakeholders</i> .

Fonte: Xavier (2010) *apud* Sanches (2018).

Será utilizado, como base para fundamentação teórica desta pesquisa, o conceito do modelo de EC versus a TS, que se pressupõe a sua influência no processo de aplicabilidade deste modelo nas organizações, o qual se pretende analisar.

Segundo Macapuna (2015), em comparação a Teoria de Administração, a TS procura descrever quais são as pessoas e grupos de pessoas que estão

servindo de “*stakeholders*” de uma empresa ou organização e propõe métodos que os administradores devem usar para dar a devida consideração aos interesses dessas pessoas ou grupos de pessoas.

No pensamento neoclássico, os “*stakeholders*” são de quatro tipos: (1) Os investidores (os proprietários); (2) Os fornecedores (de terra, de instalações, de equipamentos, de matéria-prima, de tecnologia, etc.); (3) Os trabalhadores; e (4) Os consumidores (MACAPUNA, 2015).

Cintra *et al* (2014), acrescenta que todos esses agentes econômicos devem ser levados em consideração nas tomadas de decisão da empresa que os gere.

2.5. Contexto empresarial sob a perspectiva dos stakeholders

Pouca atenção tem sido dada ao modo com que as empresas estão implementando um Sistema de Gestão de *Stakeholders* (SGS), afirmam Madariaga e Valor (2007).

Verifica-se que a principal razão é que essas organizações estão muito preocupadas com o fato de serem incluídas em índices éticos e ainda não deram início a um plano bem desenvolvido para administrar o relacionamento com seus *stakeholders*. Outro fator de suma importância é que a existência do papel do *stakeholders* não significa que todos os membros tenham os mesmos interesses (RETOLAZA, 2015).

Um dos aspectos mais importantes dos *stakeholders* e que muitas vezes é negligenciado, é que estes não são genéricos, nem são homogêneos dentro dos grupos, ou seja, os clientes de uma organização normalmente não são os mesmos que os de outra, e mesmo que eles sejam do mesmo setor ou grupo de clientes, um terá os mesmos valores, desejos, ou função de utilidade igual à de outros clientes (HARRISON *et al*, 2015).

Santos, Cavichioli e Zanchet (2016) argumentam que os *stakeholders* são definidos em termos de realização dos objetivos da organização. Alguns podem ser simultâneos na empresa, alguns podem ser reconhecidos como *stakeholders*, mas não têm qualquer influência, enquanto outros podem ter influência, mas sem participação (FRIEDMAN e MILES, 2006).

Um fator de grande relevância no contexto empresarial é a boa relação entre as partes envolvidas e esta vem se transformando em uma questão estratégica, de suma importância, para as empresas. Conhecer criteriosamente os *stakeholders*

mais importantes, suas motivações e interesses, é uma boa estratégia para antecipar tendências e atender suas expectativas.

A tendência atual é transformar as ações em prol do desenvolvimento sustentável, vindo de encontro às premissas da EC, que se tornou pré-requisito fundamental para qualquer empresa que pretenda permanecer no mercado.

Elevar o padrão de excelência em gestão com todos os *stakeholders* pode se tornar uma fonte de informação que ajudará a organização a reduzir os impactos da sua atividade.

Algumas práticas, focadas em valores e transparência, vêm sendo adotadas por diversas empresas no Brasil. Estas são consideradas como ponto de partida na cooperação e trabalho em prol de objetivos comuns.

O Guia Exame de Sustentabilidade (2006) apresenta alguns exemplos dessas práticas: (1) Avaliação completa dos líderes e utilização de pesquisa de clima organizacional; (2) Disseminação de valores da empresa entre os funcionários e conscientização dos colaboradores sobre a importância do exercício da ética em todas as situações e relacionamentos; (3) Ações de divulgação de princípios éticos, de políticas, normas e procedimentos internos; (4) Apresentação de princípios que orientam a política de relacionamento da empresa, assegurando a lealdade, a confiança e a transparência; (5) Meio direto de comunicação com o presidente da empresa, para sugestões e críticas; (6) Conjunto de diretrizes que orientam as atividades dos funcionários e o relacionamento com todos os públicos interessados; (7) Instituição do código de ética como documento propulsor dos relacionamentos internos e externos, pautados por uma conduta transparente, traduzindo de forma clara e objetiva os princípios pelos quais a empresa conduz as relações com seus empregados e parceiros de negócios.

As políticas empresariais que visam aperfeiçoar e/ou informar seus *stakeholders* sobre os problemas ambientais da atualidade, focada numa gestão onde conta com a cooperação de todos os envolvidos para ter um ambiente que seja sustentável e ainda lhes permitam continuar com seus efetivos lucros, são as mais valorizadas no mercado e que atrai cada vez mais *stakeholders* para sua contínua expansão.

Reduzir o impacto ambiental da atividade da empresa, por meio de um sistema de preservação e controle ambiental, investigar o ciclo de vida de produtos por meio da análise de seus impactos ambientais, desde a

produção até a disposição, obtendo informações estratégicas para a tomada de decisão, desenvolver atividades educativas e culturais com os empregados e com a comunidade, por meio, inclusive, de campanhas, educando e conscientizando interna e externamente e mapear os aspectos ambientais e os perigos à saúde e à segurança em todas as áreas da organização é a base para implementar as ações de monitoramento e controle de uma organização sustentável. (GUIA EXAME DE SUSTENTABILIDADE, 2006).

As empresas que procuram conhecer seus *stakeholders* informá-los e envolvê-los em suas ações e decisões estarão sempre munidas de uma equipe coesa que apoia e cooperam para suas decisões cada vez mais assertivas.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, descritiva, exploratória pautou-se na seleção e análise de 20 trabalhos, entre teses e dissertações, que permitiram compreender o modelo de EC e a influência dos *stakeholders* nas organizações, conduzindo aos objetivos propostos.

Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos que ajudam a explicar o processo de desenvolvimento de uma investigação e o alcance dos resultados.

Como estratégia de investigação e coleta dos dados, este trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica e documental, cujo levantamento consiste em verificar o estado atual de um dado fenômeno, por meio da coleta, seguida da descrição desses dados, mediante procedimentos específicos, escolhidos e qualificados pelo pesquisador.

O estudo baseou-se na abordagem qualitativa que se define como caráter descritivo, resumindo-se a descrever as características de determinada população ou fenômeno (GIL 1999), que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GOLDENBERG, 1997, pg. 34).

Strauss e Corbin (2008) acrescentam que o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para se coletar e analisar os dados. Além disso, fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, o que implica na utilização de instrumentos, a fim de responder à questão de pesquisa.

Quanto aos objetivos da pesquisa, de acordo com Gil (1999), pode ser classificada em exploratória, descritiva ou explicativa. A pesquisa em questão é descritiva, já que, conforme o autor, resume-se em descrever as características de determinada população ou fenômeno, visto que será descrito a análise e aplicabilidade da EC sob a perspectiva dos *stakeholders*, apontando seus benefícios ao ambiente e rentabilidade das empresas.

3.1. Delimitação da área de estudo

Para os estudos sobre a EC e TS foi realizado um levantamento bibliográfico, com vistas ao estudo do estado da arte, por meio de busca online no banco de dados da

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), publicadas no período de 2010 a 2018, sendo excluídos os trabalhos que não condiziam com o tema e características propostas.

Primeiro utilizou-se um filtro com as palavras Economia Circular e Teoria dos *Stakeholders* em todas as áreas do conhecimento, chegando a um número de trabalhos superior a 2.000 exemplares. Delimitando as áreas do conhecimento para administração, negócios, economia e meio ambiente este número foi reduzido para aproximadamente 300 trabalhos relevantes.

Na sequência procedeu-se a leitura dos resumos, introduções, objetivos e considerações finais de cada um dos trabalhos, o que resultou em aproximadamente 70 exemplares avaliados. Destes destacou-se os dez mais relevantes sobre EC e os dez principais em TS para a análise do estado da arte, os quais mantinham relação para com os objetivos propostos.

Não foi encontrado nenhum trabalho, nos acervos consultados, que convergissem os dois temas (EC e TS), o que demonstra a necessidade de mais pesquisas e produções acadêmicas que contemplem essa convergência.

O recorte mostrou que apenas vinte publicações sobre EC e dez sobre a TS, de um total de mais de 300 publicações em Ensino Superior, das áreas de administração, negócios, economia e meio ambiente, do banco de dados original, mantinham relevância, em seu contexto geral, para com os objetivos pretendidos no estudo. Portanto, o critério para a escolha desses trabalhos foi à relevância que ofereceram a pesquisa. Após a delimitação final os trabalhos foram analisados (Quadros 1 e 2).

Quadro 1: Trabalhos sobre Economia Circular (EC)

Títulos	Autores/Ano
“A natureza como limite da economia: a contribuição de Georgescu-Roegen”	(CECHIN, 2012)
“A Economia Circular Aplicada no Brasil: Uma Análise a Partir dos Instrumentos Legais Existentes para A Logística Reversa”	(AZEVEDO, 2015)
“Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o séc. XXI”	(LEITÃO, 2015)
“Transição para a Economia Circular: possibilidades de aplicação no setor de metais”	(SANTIAGO, 2015)
“Aplicação dos Princípios da Economia Circular em uma Indústria de Veículos Comerciais”	(BARDERI, 2017)
“A Economia Circular e o Cenário no Brasil e na Europa”	(NERY e FREIRE, 2017)
“Projetos alinhados com os preceitos da Economia Circular”	(PEREIRA <i>et al</i> , 2017)
“CIRCULAR NO BRASIL: Uma abordagem exploratória inicial”	(REDE CE100, 2017)
“Alternativas para a Gestão dos Resíduos Orgânicos Urbanos: Um Estudo de Caso na Cidade de Florianópolis”	(ZAMBON, 2017)

“ECONOMIA CIRCULAR E HUMANISMO: regulação para práticas empresariais sustentáveis a partir da filosofia empresarial de Brunello Cucinelli”	(GIRELLI, 2018)
--	-----------------

Quadro 2: Trabalhos sobre a Teoria dos Stakeholders (TS)

Títulos	Autores/Ano
“Teoria dos stakeholders no contexto da Governança corporativa: um estudo de caso”	(LADEIRA, 2009)
“Teoria dos Stakeholders e Responsabilidade Social: Algumas Considerações Para As Organizações Contemporâneas”	(SILVA e GARCIA, 2011)
“Um Novo Modelo de Classificação de Stakeholders”	(MAINARDES et al, 2011)
“Stakeholders e setor turístico brasileiro: Uma investigação na cidade de Londrina-PR”	(CINTRA, 2013)
“Hospitalidade em Venda Direta: Um Estudo de Casos Múltiplos sob a Teoria dos Stakeholders”	MOLA (2013)
“Modelagem da Rede de Stakeholders Envolvidos em Melhorias de Transporte Coletivo por Ônibus”	(PEREIRA, 2015)
“A aplicação do modelo de saliência de stakeholders em gestores de bancos de varejo”	(D’AMARIO e SORANZ, 2016)
“Distribuição de valor para o stakeholders funcionário e desempenho organizacional”	(SARTURI, 2016)
“Capacidades organizacionais e a sinergia da criação de valor para stakeholders”	BARAKAT (2018)
“Análise Dos Stakeholders do Parque Tecnológico do Norte Fluminense”	SANCHES (2018)

Por fim, foram avaliados e compilados os 20 trabalhos selecionados: (a) 10 trabalhos apontando suas considerações mais relevantes quanto ao estado do conhecimento sobre a Economia Circular e suas contribuições para uma vida sustentável e (b) 10 trabalhos indicando suas considerações mais relevantes para o estado do conhecimento sobre a Teoria dos *Stakeholders* e sua aplicabilidade nas organizações; o que possibilitou alcançar os objetivos propostos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Economia Circular

Apresenta-se a análise aprofundada dos 10 trabalhos selecionados, com suas considerações mais relevantes ao contexto de representar o estado do conhecimento sobre a Economia Circular e suas contribuições para uma vida sustentável.

Dentre os temas mais recorrentes encontrados na análise dos materiais sobre a EC destacam-se como resultado: Histórico e conceitos sobre a EC, incentivos financeiros para as empresas com responsabilidade social e ambiental, ganância econômica frente aos recursos naturais finitos, circularidade das cadeias produtivas, legislação ambiental, consumo consciente, *Ellen MacArthur Foundation*, EC na Europa, logística de reserva, coleta seletiva, dignidade humana, economia humanista, crescimento econômico infinito em um planeta finito, o valor do capital natural, modelos de economias sustentáveis, a capacidade de crescimento do planeta, o ciclo de vida dos resíduos, entre outros relativos à EC (Gráfico 1).

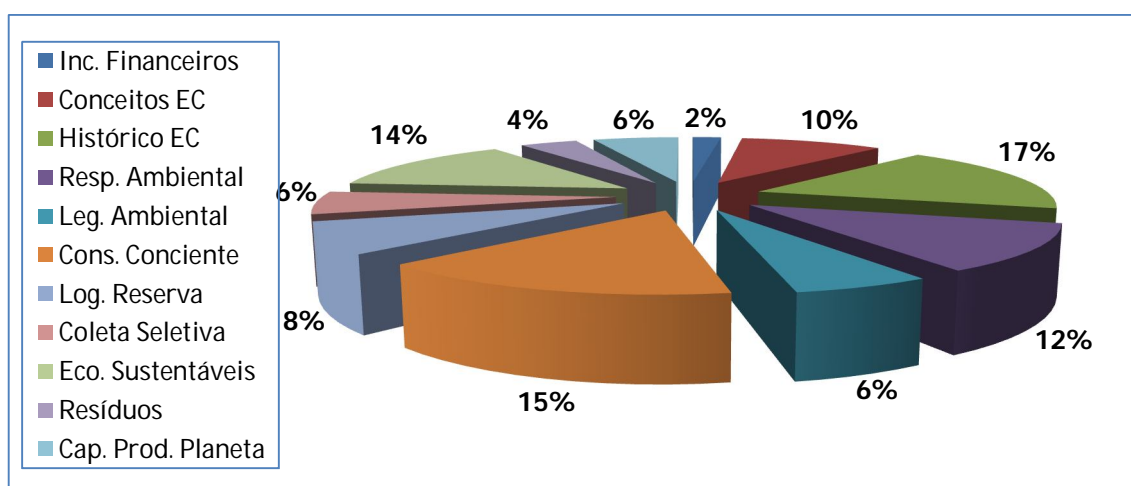


Gráfico 1: Recorrência percentual de Temas nos 10 trabalhos analisados

Foi possível reconhecer 13 áreas do conhecimento que mencionam a Economia Circular (Quadro 03):

Quadro 03: Contribuição das áreas de conhecimento para a Economia Circular

Área de conhecimento	Exemplos de contribuição para a Economia Circular	Autores utilizados nas descrições
<i>Economia ambiental</i>	Apresentou as quatro funções do meio ambiente para a economia, que são: os valores de utilidade.	Pearce; Turner, 1990; Andersen, 2007.
<i>Economia socioecológica</i>	Integrou componentes socioeconômicos e biofísicos, reconhecendo a importância da natureza para o sistema econômico.	Holling, 2001; Young, 2006; Ostrom, 2009.
<i>Economia ecológica</i>	Propiciou o desenvolvimento de uma perspectiva integrada das interações do meio ambiente e da economia, visando estruturar soluções para problemas ambientais.	Costanza, 1992; Van Den Bergh, 2001.
<i>Economia de serviços</i>	Por meio de negócios com base em serviços, traz uma economia em <i>loops</i> , de forma circular.	Stahel, 2006; EMF, 2013.
<i>Ecologia industrial</i>	Apresentou a importância de analisar fluxos energéticos e de materiais através de sistemas industriais, e incentivou processos que busquem desenvolver: ciclos fechados de materiais, desmaterialização e utilização de energias eficientes.	Ehrenfeld; Gertler, 1997; EMF, 2013.
<i>Do berço ao berço (cradle to cradle)</i>	Buscou eliminar o conceito de resíduo como descarte e incentivar o uso de energias renováveis.	McDonough; Braungart, 2003; EMF, 2013.
<i>Blue Economy</i>	Promoveu iniciativas que transformaram resíduos de produtos diversos em fluxos de caixa de novos processos, graças à circularidade de materiais.	Pauli, 2010; EMF, 2013.
<i>Design regenerativo</i>	Apresentou a importância da regeneração para possibilitar um desenvolvimento que respeite as necessidades de todo o ecossistema.	Lyle, 1996; McDonough; Braungart, 2002; Cole, 2012.
<i>Capitalismo natural</i>	Apresenta como princípios o aumento radical da produtividade dos recursos naturais, o direcionamento para materiais e modelos de produção com inspirações biológicas, a mudança para modelos de negócio de “serviços e fluxos”, e reinvestimento em capital natural.	Hawken; Lovins A.; Lovins L., 2008; EMF, 2013.
<i>Biomimética</i>	Estudou as características da natureza, imitando-a para desenvolver soluções para problemas do ser humano.	Benyus, 2002.
<i>Simbiose industrial</i>	Forneceu uma abordagem coletiva para a vantagem competitiva, em que empresas de um mesmo ecossistema industrial aproveitam rejeitos de outras, promovendo uma relação mutuamente benéfica.	Chertow, 2000; Chertow, 2007; Lombardi; Laybourn, 2012.
<i>Permacultura</i>	Promoveu a manutenção de sistemas agrícolas considerando produtividade, diversidade, estabilidade e resiliência dos ecossistemas naturais. É evidenciada na Economia Circular, principalmente no ciclo biológico.	EMF, 2013.
<i>Metabolismo Industrial</i>	Estudou as interações entre a energia, os materiais e o ambiente. Objetiva obter conhecimento e compreensão do uso que a sociedade faz de recursos naturais e seus impactos ambientais.	Anderberg, 1998; Ayres, 1998.

As ideias apresentadas por cada uma das treze áreas de conhecimento contribuíram para o desenvolvimento da estrutura da EC, sendo aplicada conforme o contexto da demanda necessária.

Cechin (2012) defende a teoria sobre “a natureza como única limitante do processo econômico”, e a temática das inter-relações entre economia e a natureza. O autor debate a problemática de uma vida sustentável e a limitação da aquisição de matérias-primas naturais para a manutenção de uma economia cada dia mais desenfreado, tratando em detalhes as ciências econômicas e suas maneiras para adequar a contemporaneidade a uma natureza finita.

Descreve, ainda, os recursos naturais como finitos cuja exploração chegará a um pico em que o ritmo de exploração excederá a descoberta de depósitos acessíveis à ganância econômica. Propõe determinados ajustes necessários na política econômica, para que a economia opere de modo sustentável ambientalmente:

Transição demográfica dos bens, ou seja, taxas de produção iguais às taxas de depreciação, em níveis baixos. Isso significa estender a vida útil dos produtos; Melhoras qualitativas e aumentos de eficiência, sem aumentar a quantidade de materiais processados; Banir o comércio livre enquanto coexistirem países que tentam internalizar os custos ambientais nas decisões econômicas e países que praticam preços inferiores por não pagarem os custos ambientais; Mudar o alvo dos impostos da renda auferida por trabalhadores e empresas para o fluxo produtivo, de preferência no ponto em que os recursos são apropriados da biosfera (CECHIN, 2012).

Santiago (2015) trata da EC no setor de metais, ampliando o debate em relação às alternativas para o modelo de desenvolvimento de uma economia sustentável, sobre a hipótese de ser uma alternativa que permite dissociar o crescimento econômico do uso de recursos naturais, promovendo uma economia que é restaurativa e regenerativa ao planeta.

A autora explorou o tema sobre a transição da produção e consumo de metais para um modelo circular, considerando ser uma tarefa importante, pois o mundo se encontra em plena urbanização, e dependem intrinsecamente dos metais para isso, formando parte significativa da base material da economia.

Descreveu, ainda, a crescente demanda por metais, tanto em volume quanto em tipos, atrelando-os ao crescimento econômico, expansão industrial e urbanização de países. Considera que a importância dos metais só aumenta no

contexto atual, com crescente demanda para o futuro, com o direcionamento que se tem dado a uma economia de baixo carbono, cuja viabilidade necessita do desenvolvimento de tecnologias que dependem intrinsecamente do uso de metais, como aquelas ligadas ao uso, transformação e conservação de energias renováveis.

Deixa registrada a viabilidade dos metais para a EC em diversos setores industriais, porém esclarece as preocupações dos impactos socioambientais das atividades extrativas e industriais de transformação dos minérios em metais, “seja pela crescente dificuldade de se viabilizar a exploração mineral tanto por escassez de reservas de fácil acesso e baixo custo, como pela volatilidade dos preços desses materiais, por suas fontes serem finitas”. Aponta assim os metais secundários, como a maneira mais eficiente de se promover circularidade nas cadeias de metais.

A ideia de que cidades são verdadeiras “minas urbanas”, capazes de fornecer estoques de metais para a economia através do aumento da capacidade de recuperação de metais, e também de novos modelos de negócio que viabilizem maximizar a utilização dos metais nos ciclos de produção e consumo emerge como uma releitura do conceito de mineração para uma economia circular (SANTIAGO, 2015).

Já com Azevedo (2015) se tem um estudo sobre a legislação brasileira existente, frente à aplicabilidade de uma economia restaurativa, dentro das perspectivas de uma “Logística de Reserva” para dimensionar sua funcionalidade. Destaca os princípios da EC que considera de maior relevância:

Criação de modelos de negócios que agreguem valor ao produto manufaturado. Criação de produtos de múltiplas utilidades. Desenvolvimento de uma logística reversa que mantenha a qualidade e o custo de forma equilibrada. Coordenação dos atores dentro e entre as cadeias de suprimento para criar escala e identificar usos de maior valor (AZEVEDO, 2015, p. 4).

Conforme observa-se na Lei 12.305/2010, a logística reversa é um:

Instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada.

Notar-se-á que a legislação já prevê normas regulamentadoras para que as empresas se adequem a circularidade de seus produtos, colocando-as como responsáveis pela coleta de seus resíduos.

Azevedo (2015) aponta os consumidores como “peça chave no sistema de logística de reversa”, e sua importância na utilização e na forma de descarte de seus materiais de consumo. Conclui sua pesquisa afirmando que é dever do “Poder Público, como garantidor da aplicação das regras e princípios previstos na Constituição e na legislação, a iniciativa em direção à concretização da ideia de que valores biológicos e tecnológicos transcendam a vida útil de um produto ou serviço”, assim forçando as organizações a pensarem na circularidade do que oferecem ao mercado de consumo.

Leitão (2015) se refere à EC como uma nova filosofia de gestão para o séc. XXI, constituindo um paradigma sobre as possibilidades futuras, em contraste com o modelo linear vigente, que se encontra ameaçado, devido à disponibilidade limitada de recursos naturais e limites do planeta em termos de capacidade de assimilação da poluição gerada por ela.

Defende o autor que “à tese do desenvolvimento descontrolado e ilimitado, tende a suceder cada vez mais a tese do desenvolvimento equilibrado e sustentável”.

O novo paradigma de sustentabilidade estimula novas práticas de gestão e descortina novas oportunidades adicionando valor à organização e aos clientes, em harmonia com o meio ambiente. Enquanto fonte de inovação e permitindo a redução da procura de recursos naturais com a recuperação de desperdícios e resíduos, a Economia Circular abre excelentes perspectivas a serem encaradas pelas empresas como alavanca e motivação para um crescimento com bases sólidas e com futuro, além das vantagens competitivas no contexto de um mercado global altamente dinâmico (LEITÃO, 2015).

Leitão (2015) tece significativas considerações sobre a EC e faz um minucioso relato de seu histórico desde a década de 1960 até os dias atuais, em conformidade a apontar os horrores que a Economia Linear (EL) causa ao planeta, nos fazendo refletir que a melhor forma de ainda conseguir viver em harmonia com a natureza é a preservação do meio ambiente.

Conclui seus estudos evidenciando que:

A EC como uma opção viável para a implantação de um modelo de sustentabilidade, tornando-se imprescindível que os empresários

compreendam os tempos atuais e tomem ações concretas. A EC é apresentada como uma solução prática para a emergente crise de recursos do Planeta e excesso de poluição. Associada a benefícios de cariz ambiental, outros existem de natureza económica e social (LEITÃO, 2015).

Pereira, Moncunill e Monteiro (2017), sob a perspectiva da sustentabilidade, relatam com entusiasmo as expectativas propostas pela EC, que, por meio de várias estratégias de reestruturação das formas de produção e consumo, objetiva reduzir o uso de matérias-primas e energia, diminuindo o impacto da sociedade de consumo sobre os recursos naturais do meio ambiente.

Nos estudos dos autores destaca-se a relevância do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES) que há duas décadas vem renovando seu comprometimento no apoio ao desenvolvimento sustentável da economia brasileira, por meio de diversos instrumentos, tanto na forma de renda fixa quanto variável, procurando promover a inovação, o respeito ao meio ambiente, a inclusão social, o progresso do parque industrial assim como a evolução do provimento de serviços, nos mais diversos setores da economia.

Concluíram sua pesquisa afirmando a importância da sustentabilidade econômico-socioambiental do desenvolvimento no Brasil, considerando positiva a implementação de projetos alinhados com os preceitos da EC. E ainda acrescentam que para concretizar tais apoios, o BNDES possui linhas financeiras de incentivo, para empresas de qualquer porte, além de dispor de recursos humanos para auxiliar os entes públicos na estruturação do desenvolvimento sustentável e para a gestão de resíduos sólidos (PEREIRA, MONCUNILL e MONTEIRO, 2017).

Barderi (2017) tratou da aplicação dos princípios da EC em uma indústria de veículos comerciais, especificamente de caminhões e observou que ao aderir a EC foi possível, para este setor:

A redução de consumo de recursos naturais para a confecção de novas peças e componentes, a aplicação de logística reversa de peças usadas para a aquisição de peças remanufaturadas, o incentivo ao uso de oficinas de concessionárias, que possuem controle operacional e ambiental, e a redução do descarte de resíduos inerentes às atividades de pós-venda da cadeia de valor do caminhão (BARDERI, 2017).

Barderi (2017) sugeriu, no entanto, que para desenvolver uma estrutura completa de EC, é preciso considerar o investimento em todas as segmentações

dos materiais e, principalmente, desenvolver uma forma consciente de consumo de bens, compartilhando a responsabilidade sobre os impactos em toda a cadeia.

O autor estabelece critérios para que o desenvolvimento e a manufatura reusem as peças que compõem componentes obsoletos, ou com falhas de qualidade, na remanufatura, evitando assim o sucateamento para empresas de reciclagem, a necessidade de retirar mais matéria prima da natureza e agregando valor sustentável, ao produto produzido.

Notou em sua pesquisa que as ações voltadas para a circularidade de materiais visaram o aumento da receita da companhia de veículos comerciais e em consequência diversos benefícios ambientais foram gerados como consequência, evidenciando que os princípios da EC, em diferentes etapas da cadeia do caminhão, geram grandes ganhos, envolvendo tanto processos de pós-vendas quanto o produto em si.

Membros da Rede CE100 Brasil (2017) fizeram uma abordagem exploratória inicial sobre EC no Brasil, descrevendo o trabalho da *Ellen MacArthur Foundation* com empresas, academias e governos para construir um código de desenvolvimento para uma economia que seja restaurativa e regenerativa por princípio, que foi constituída em 2010, com o objetivo de acelerar a transição para a EC. O estudo se concentra em três setores importantes para a economia brasileira: agricultura e ativos da biodiversidade, edifícios e construção e equipamentos eletroeletrônicos.

O programa CE100 Brasil foi lançado em outubro de 2015 e concebido especialmente para organizações que tenham identificado oportunidades no mercado brasileiro. O programa se desenvolve paralela e complementarmente à rede global CE100. Ele oferece um programa de colaboração pré-competitiva e inovação que reúne stakeholders chave de empresas, governos, da academia e de organizações afiliadas para atuarem como um laboratório vivo para a transição rumo à economia circular no Brasil. O programa CE100 Brasil possibilita às organizações membro desenvolver conhecimentos, superar desafios e aproveitar oportunidades associadas às características únicas do país. Conclusões preliminares mostram que a transição para a economia circular poderia gerar oportunidades de mais inovação e criação de valor no Brasil. Com características mercadológicas e sociais únicas, e capital natural incomparável, o Brasil é um cenário atraente para a exploração de oportunidades que a economia circular poderia trazer para a construção do capital econômico, social e natural (REDE CE100 BRASIL, 2017, p. 3-4).

Na agricultura a CE100 Brasil (2017) deu destaque as seguintes concepções de desempenho: Ampliar esforços existentes em modelos de negócio regenerativos

em agricultura e ativos da biodiversidade; estimular o desenvolvimento do incipiente setor de biointeligência; alavancar a tecnologia digital para destravar o potencial de EC na bioeconomia. Já no setor de edifícios e construção destacaram: Usar a lente da economia circular em investimentos de novos edifícios para evitar entraves lineares; ampliar o acesso ao espaço construído ao aplicar princípios da EC; canalizar a tecnologia digital e práticas inovadoras da EC para criar mais valor no setor de edifícios e construção. E para o setor de Equipamentos Eletroeletrônicos (EEE): Aproveitar a dinâmica específica do mercado brasileiro de EEE para criar novas oportunidades de negócio no contexto da EC; integrar a economia informal ao setor de EEE visando a uma colaboração mutuamente vantajosa; desenvolver novos modelos de negócio para ampliar o acesso e reduzir os custos dos produtos do setor de EEE; criar mecanismos para influenciar processos de *design*.

As oportunidades apresentadas neste estudo apontam para oportunidades de negócio com benefícios econômicos, sociais e ambientais. Elas justificam uma análise mais completa da dimensão e do escopo das oportunidades nas três áreas de foco aqui tratadas e para a economia brasileira como um todo. Os autores esperam que este documento se transforme em um primeiro passo para futura exploração dos benefícios econômicos, ambientais e sociais que a transição para a economia circular poderia proporcionar ao Brasil e encorajam o desenvolvimento de pesquisas adicionais com esta finalidade (REDE CE100 BRASIL, 2017).

Nery e Freire (2017) falam sobre a EC e o cenário no Brasil e na Europa, assim como Azevedo (2015), as autoras tratam da legislação vigente em relação à destinação dos resíduos sólidos e traçam um comparativo entre o Brasil e os países europeus.

Nos apresentam em detalhes o conceito de “Logística de Reserva”, como:

[...] uma nova área da logística empresarial que se preocupa em equacionar a multiplicidade de aspectos logísticos do retorno ao ciclo produtivo destes diferentes tipos de bens industriais, dos materiais constituintes dos mesmos e dos resíduos industriais, por meio da reutilização controlada do bem e de seus componentes ou da reciclagem dos materiais constituintes, dando origem a matérias-primas secundárias que se reintegrarão ao processo produtivo (NERY e FREIRE, 2017, p. 9).

A obra evidenciou que, em ambos os cenários, há uma legislação referente aos resíduos. Entretanto, o Brasil necessita de diversas leis e padrões estabelecidos pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), para uma lei/padrão reforçar a outra, enquanto, na Europa, uma diretriz específica sobre a tratativa de resíduos

é suficiente para que o processo ocorra (2008/98/EU). É notável que a burocracia nacional interfira negativamente na aplicabilidade da legislação.

A falta de fiscalização no Brasil em relação às leis ambientais pode ser explicada pela sua imensa extensão territorial, havendo necessidade de muitos profissionais para executá-la. Por outro lado, na Europa existem diversas diretrizes que são específicas para cada tipo de resíduo. A fiscalização é eficiente e eficaz na Europa, pois, cada Estado-Membro se auto fiscaliza, enquanto no Brasil, os estados nacionais não têm essa autonomia. Faz-se perceber que se os exemplos europeus fossem aqui aderidos à preservação ambiental se tornaria mais eficiente (NERY E FREIRE, 2017).

Nery e Freire (2017) concluiu ser necessário auxiliar as empresas a buscarem alternativas de implementação para se redesenharem industrialmente e inserirem a EC na cadeia produtiva, e também efetivar parcerias com canais de mídia que divulgue informação aos brasileiros sobre a importância da EC e sobre o tratamento dos resíduos, além de informações sobre os postos de coletas disponibilizados pelas empresas.

Girelli (2018) aborda a EC e o Humanismo, sob a filosofia empresarial de *Brunello Cucinelli*, o qual se inspirou na filosofia greco-romana, renascentista, na arte e na religião para dar vida, na Itália, a uma empresa que tem como princípio a dignidade da pessoa humana, mas que opera sem deixar de lado a busca pelo lucro, apreciando, assim, o elemento social do desenvolvimento sustentável.

Girelli (2018) considera que a EC trata das vertentes de ambiente e economia, carecendo de um elemento que trate o social, ou o “humano”, com isso propõe uma parceria entre a EC e a Economia Humanista, assim preenchendo todas as lacunas existentes para gerar uma economia, de fato, sustentável.

Girelli (2018) considera: “A necessidade da responsabilidade e do cuidado com a vida, com a convivência com a preservação da Terra, mas também com cada um dos seres nela existentes e com a devida identificação de um sentido do universo”. Faz uma descrição das premissas de *Cucinelli*, que assim como *Fyodor Dostoyevsky* “acredita que a beleza salvara o mundo, empenhando paixão e respeito em sua atividade empresarial, transformando o mundo o seu redor em um lugar melhor, com pessoas saudáveis de alma e de coração”.

Enfatiza, ao concluir seu trabalho, que a Teoria da Economia Circular aliada a Teoria da Economia Humanista podem, de forma concomitante e complementar, constituir uma ferramenta valiosa para a implementação dos objetivos do

desenvolvimento sustentável, visando promover um meio ambiente ecologicamente equilibrado, uma economia integrada e sólida, e uma sociedade que valorize e respeite a dignidade da pessoa humana (GIRELLI, 2018).

Finalizando os trabalhos sobre a EC são apresentadas as reflexões de Zambon (2018), que relata em seu estudo de caso, as alternativas para a gestão dos resíduos orgânicos urbanos, sob a ótica da EC e os resíduos do ciclo biológico e a cadeia de resíduos orgânicos.

O autor afirma que:

Os resíduos orgânicos possuem algumas especificidades quando comparados com os recicláveis. Os resíduos alimentares, responsáveis pela maior parte dos resíduos orgânicos urbanos no Brasil, tendem a se decompor naturalmente e neste processo geram mau cheiro e propiciam a reprodução de uma diversidade de insetos, o que contribui para provocar doenças e problemas de saúde para os seres humanos (Zambon apud SHARHOLY et al., 2008). Esses resíduos também têm, em sua composição, grande quantidade de água, e quando depositados em aterros sanitários, embora isolados, geram um líquido altamente poluente chamado de chorume o qual, quando não tratado, contamina lençóis freáticos e prejudica os cursos de água da região. Se tornando um grave problema a ser solucionado (ZAMBON, 2018).

Zambon (2018) identifica as principais tecnologias adotadas para a gestão de resíduos sólidos orgânicos, com destaque para os gerados nos centros urbanos, descrevendo os sistemas de gestão de resíduos orgânicos urbanos adotados em outros países, bem como as políticas adotadas, descreveu em detalhes a situação atual da gestão de resíduos orgânicos urbanos em Florianópolis (cidade de seu estudo de caso) e identificou iniciativas de compostagem para a circularidade dos resíduos orgânicos.

O autor destaca diversas vantagens associadas ao reaproveitamento dos resíduos orgânicos, tal como o uso destes como fertilizantes ou condicionadores de solos na agricultura, constituindo uma forma de combater o empobrecimento dos solos – processo agravado pelo uso abusivo de fertilizantes minerais que, por sua vez, necessitam de elevada quantidade de energia para serem produzidos e distribuídos.

Conclui sua pesquisa afirmando que:

As tecnologias de tratamento de resíduos em um município devem ser consideradas e definidas tendo em vista o sistema de coleta a ser adotado. Ambos devem levar em conta as características dos resíduos a serem processados e a realidade do município, ou seja, as características econômicas, sociais, legais e culturais da população. Estas são condições

que devem orientar um plano de gestão de resíduos para garantir o sucesso das iniciativas e promover o desvio de resíduos orgânicos de aterros sanitários e lixões (ZAMBON, 2018).

4.2. Teoria dos Stakeholders (TS)

Em relação aos *Stakeholders*, a análise dos 10 trabalhos selecionados e suas considerações mais relevantes para o estado do conhecimento sobre a TS e sua aplicabilidade, destaca-se a recorrência: Priorização de *stakeholders*, poder - legitimidade - urgência, saliência dos *stakeholders*, classificação dos *stakeholders*, importância na organização, *stakeholders*, responsabilidade social, relacionamentos, venda direta, hospitalidade, institucionalismo sociológico, padrões de comportamento, normas e valores, crenças e pressupostos, capacidades organizacionais sinérgicas, novas organizações, entre outros.

Ladeira (2009) tratou da Teoria dos *Stakeholders* no contexto da Governança corporativa, dando destaque a várias vertentes de Gestão Estratégica que vem de encontro ao sucesso dos empreendimentos com governança corporativa. Objetivou identificar a importância da TS como diferencial estratégico; com análise das práticas de governança que agreguem valor e consolidem as estratégias propostas nas empresas estudadas.

Reconhecer a governança corporativa como uma tendência e buscar aliar os objetivos da organização às demandas dos stakeholders evidenciam os valores, princípios e processos que regem os mecanismos de gestão das empresas. O foco está na transparência, equidade e prestação de contas. A teoria dos stakeholders, no contexto da governança corporativa, voltada ao estudo da estratégia da organização, permite a identificação de estratégias direcionadas e fundamentadas em práticas corporativas. As competências essenciais, as disciplinas de valor, as estratégias de Ohmae e outras teorias permitem identificar e valorizar a importância da teoria dos stakeholders como basilar no meio empresarial e como parte integrante do planejamento estratégico em sua essência. (PORTER 1986 *apud* LADEIRA, 2009).

Os estudos de Ladeira (2009) apontam que a governança corporativa se baseia no cumprimento de suas práticas para aumentar o valor da empresa e garantir sua perenidade. Essas empresas possuem vantagem competitiva porque otimizam a estrutura e o custo de capital, promovem capacitações e identificam novas oportunidades. A governança corporativa assegura direitos de todos dentro

de uma empresa, tanto acionistas quanto os que estão ligados direta e indiretamente a ela.

Uma das suas principais conclusões é que o modelo de governança adotado e seu código de conduta, que visam a atender a todos os *stakeholders* envolvidos, permitem maior foco dos funcionários nos valores e princípios da empresa.

Mainardes *et al* (2011) consideram “Um Novo Modelo de Classificação de *Stakeholders*”, estabelecendo um critério de prioridade dos *stakeholders* a serem atendidos nas organizações. A nova classificação proposta pelos autores considerou o método proposto por Whetten em 1989, no seu ensaio intitulado “O que constitui uma contribuição teórica?”

No “Novo Modelo de Classificação de *Stakeholders*” Mainardes *et al* (2011) estabelece quatro elementos essenciais: fatores (variáveis constructos e conceitos); relação entre os fatores; dinâmicas que justificam a seleção dos fatores e as relações de causalidade entre eles; e, fatores temporais e contextuais que delimitam o modelo (que determinam o alcance e a extensão do modelo).

Concluíram os autores que, de acordo com os princípios da TS, a gestão dos *stakeholders* exige uma classificação por importância, pois não é possível atender a todos ao mesmo tempo e na mesma medida (MAINARDES *et al* 2011).

Já Silva e Garcia (2011) falam sobre “TS e Responsabilidade Social”, em específico sobre o papel do gestor, que tem como uma de suas atribuições elaborar e implantar modelos de gestão empresarial, de tal forma que esses modelos garantam o sucesso da empresa, estabelecendo uma “uma rede de relações entre a empresa e seus *stakeholders*”.

Os stockholders, que são os acionistas, teoria primeiramente abordada por Smith (1983, p. 379) quando afirmou que um empresário investe seu capital em função do lucro e só o fará “[...] no fomento daquela atividade cujo produto é suscetível de atingir o valor máximo”. Ou seja, só investirá em um produto que apresentar perspectiva de maior retorno financeiro e no menor tempo possível. Ao discutir a responsabilidade social do capital e do trabalho, numa economia não planejada, denominada de livre mercado, a função social dos líderes sindicais é a de lutar pelos direitos da classe dos trabalhadores e a função social dos empresários e seus gestores é a de “[...] usar seus recursos e dedicar-se a atividades destinadas a aumentar seus lucros até onde permaneça dentro das regras do jogo, o que significa participar de uma competição livre e aberta, sem enganos ou fraude”. Nessa ótica, portanto, respeitando-se as leis do país no qual a empresa atua, a única responsabilidade social dos gestores empresariais é o máximo lucro para os stockholders (SILVA e GARCIA, 2011, p. 9).

Silva e Garcia (2011) ainda destacam que no sistema econômico contemporâneo, o exclusivismo do lucro dos *stockholders* como única responsabilidade social empresarial não se sustenta mais, dado as rápidas mudanças do ecossistema terrestre e suas interligações. Tal fato suscita uma mudança de abordagem de interpretação do mundo e das coisas do mundo.

A pesquisa de Mola (2013), para compreender qual a abrangência do termo nas relações comerciais ocorrentes nesse sistema comercial (venda direta), partindo do preceito de que a hospitalidade tem por função o estabelecimento de relacionamentos. A dissertação procurou explicar:

Que os aspectos particulares do comportamento humano tornam a atividade da venda direta uma oportunidade ao estudo da hospitalidade e que, por meio da hospitalidade, a venda direta forma um microcosmo no qual o relacionamento humano e o contato pessoal são a chave para o sucesso profissional – que (surpreendentemente para este modelo de negócio) nem sempre está ligado apenas ao retorno financeiro (MOLA, 2013, p.20).

Comprovou-se a relevância do aspecto social na atividade mencionada, sob o enfoque de técnicas para conquista de clientes, mas a partir do comportamento presente nas relações humanas. “O paradigma da gestão de marketing desafiou a visão de que, embora os interesses de todos os *stakeholders* sejam válidos, relevantes ou estratégicos, eles não deixam de ser secundários” (MOLA, 2013, p.45). Destaca-se que as relações pessoais criam um vínculo muito mais forte com os *stakeholders* do que qualquer outra estratégia econômica.

Cintra (2013) descreve os “Stakeholders e setor turístico brasileiro” delineando o campo organizacional do turismo a partir da TS e o institucionalismo sociológico.

Expansão do turismo que pode trazer impactos positivos ou negativos à comunidade, gerando conflitos por interesses opostos. Para minimizar tais conflitos e buscar uma visão coletiva de desenvolvimento no setor se torna necessário envolver inúmeros stakeholders no processo de planejamento e gestão (CINTRA, 2013).

O autor confronta as teorias no que tange o setor turístico, destacando a Teoria Institucional que incorpora a ideia de instituições e padrões de comportamento, de normas e de valores, crenças e pressupostos, nos quais se encontram imersos em organizações, grupos e indivíduos.

Finaliza sua pesquisa destacando a importância da TS ao turismo no campo de sua investigação (Turismo em Londrina/PR), dando ênfase que conhecer os *stakeholders* e atender suas necessidades é a premissa ao sucesso de qualquer organização (CINTRA, 2013).

D'Amario e Soranz (2016) apresenta “A aplicação do modelo de saliência de *stakeholders* em gestores de bancos de varejo”, analisando a semelhança na percepção entre gestores e diretores sobre priorização de *stakeholders*, por meio de três atributos: poder, legitimidade e urgência.

Os autores dão enfoque no equilíbrio de interesses das partes envolvidas, como um processo de avaliação no qual se deve pesar e avaliar as reivindicações daqueles que têm alguma participação nas ações da organização.

No estudo de caso foram caracterizadas as lógicas institucionais em populações organizacionais diferentes para verificar a percepção de saliência de *stakeholders* em outros contextos de maneira prática e eficiente.

Sarturi (2016) nos traz reflexões sobre a “distribuição de valor para o *stakeholders* funcionário e desempenho organizacional”, considerando que o *stakeholders* funcionário é o que mais contribui na criação de valores para a empresa. A autora estabeleceu, para a relevância de sua pesquisa, as convergências entre as TS, Gestão Estratégica de Recursos Humanos e Teoria Motivacional, enaltecendo que funcionários bem treinados e motivados se comprometem com o sucesso da empresa, assim este *stakeholders* pode se tornar um grande aliado, tendo a necessidade de estar atentos a este grande potencial que defenderá os ideais da empresa tornando-a valorosa aos olhos dos demais *stakeholders*.

Com Barakat (2018) observou-se a capacidade organizacional e a sinergia da criação de valor para *stakeholders*, estabelecendo uma proposta que compõe as principais capacidades para o alcance desta sinergia: capacidade de engajamento, capacidade de conhecimento, capacidade de integridade e capacidade de adaptação.

Estar de posse de todas essas capacidades é a definição mais adequada de uma organização sinérgica onde todos os *stakeholders* que a ela pertence conduzem suas ações simultaneamente, buscando beneficiar todo o conjunto, de modo que seu efeito seja maior que a soma dos efeitos de cada um dos *stakeholders* isoladamente.

Barakat (2018) conclui sua tese com a teoria de que é necessário focar na sinergia entre os *stakeholders* e não em seus pontos conflitantes, o que naturalmente vem sendo perpetuado desde a criação da TS, a questão básica é a criação de valores na cadeia de *stakeholders* e isso será mais facilmente alcançado se os interesses individuais derem mais espaço ao interesse coletivo.

Por fim Sanches (2018) apresenta sua análise dos *stakeholders* do Parque Tecnológico do Norte Fluminense (PTNF), procurando definir e caracterizar os *stakeholders* mais importantes que atuam no processo de implementação do parque.

Para alcançar os resultados esperados o autor aplicou dois modelos de análise de *stakeholders*: o modelo de Mitchell, Agle e Wood de 1997, também conhecido como modelo de saliência de *stakeholders* e o modelo de Frooman de 1999.

O primeiro modelo teve como objetivo a identificação e classificação dos *stakeholders* a partir de três atributos, aqui já discutidos (poder, legitimidade e urgência). O segundo modelo usou os níveis de dependência de recursos para determinar o poder de influência das partes interessadas, além de apontar as estratégias que elas podem adotar para influenciar a organização (SANCHES, 2018, p. 7).

A maior expectativa do autor foi à compreensão dos anseios e comportamentos das partes interessadas na implementação de um projeto de uma nova organização ou empreendimento, já que pessoas distintas possuem anseios distintos, e responder as questões conflitantes deste processo, que geram tantas lacunas é importante para a estabilidade de empreendimentos bem sucedidos.

Ao concluir as análises sobre o estado do conhecimento da Economia Circular, assim como da Teoria dos *Stakeholders*, foi possível elencar possibilidades para o enquadramento da aplicabilidade nas organizações que praticam a EC sob a perspectiva da TS.

4.3. Inter-relação da EC com a TS

A TS aponta que o gestor é visto como um investidor organizacional que precisa mudar seu paradigma em função dos conceitos de sustentabilidade, deixando sua visão pautada meramente no lucro. Esta se mostra como a melhor estratégia na

aplicabilidade da EC entre os diversos stakeholders e a integração de seus diferentes interesses como elemento central.

A responsabilidade social do gestor, explicitada na EC, é trabalhada nesse contexto, como um elemento de equilíbrio entre os interesses dos acionistas e o da sociedade, uma vez acreditar que, aumentando o valor da empresa perante a sociedade, aumenta-se também o valor de suas ações e, conseqüentemente, o lucro dos *stakeholders*.

Observou-se uma relação entre o modelo EC e a TS, considerando que a efetividade do modelo de EC não está condicionado somente ao fator econômico, mas também à legitimidade ou não dos *stakeholders*, o que evidencia a importância desses no processo. Este modelo de economia condiciona o interesse de cada vez mais *stakeholders* se comprometerem com ela e com sua preocupação com o meio ambiente, visando mais que os lucros financeiros.

Nota-se, à princípio, que alguns *stakeholders* são mais influentes que outros e isto pode ser um fator positivo ou negativo, uma vez que o conceito EC afirma a importância do modelo para economia. No entanto, não leva em consideração a influência dos *stakeholders*. Já a TS evidencia a importância e a influência desses como fator preponderante na efetividade de qualquer processo organizacional.

Assim, considerando o avançado estágio dos impactos ambientais negativos e o comprometimento das possibilidades de vida para as futuras gerações face a finitude dos recursos naturais, o estudo demonstra a relevância das pesquisas sobre o tema, apontando a importância de novos estudos, e confirma que a EC nas organizações que zelam pelo equilíbrio entre as necessidades da sociedade, seus interesses e a preservação do ambiente, apresentam uma opção de negócios promissora e que preserva o nosso maior patrimônio, o meio ambiente, alcançando os objetivos propostos.

5. CONCLUSÃO

Verificou-se que muitos autores tentaram desenvolver modelos para identificação e análise dos *stakeholders* nas organizações, uma vez que se tornou um aspecto importante nas etapas do processo de tomada de decisão.

Todos estes estudos dão destaque ao autor Freeman, que foi o primeiro a falar sobre a TS, na década de 80, estabelecendo a relação entre vários indivíduos envolvidos em uma organização e que apresentam contribuições ou dificuldades para o alcance dos objetivos.

A pesquisa revela que o desenvolvimento sustentável nas organizações modernas não se resume somente a conotação ambiental mais transformou-se em parte dos objetivos e desafios das empresas para que se garanta a viabilidade do negócio, promovendo inclusive a definição de valores organizacionais.

A tendência para o futuro é transformar o conhecimento sobre desenvolvimento sustentável em um pré-requisito para ser trabalhado nas empresas. Elevar o padrão de excelência em gestão com todos os *stakeholders* pode se tornar uma fonte de informação que ajudará a organização a reduzir os impactos de suas atividades, demonstrando ser imperativo sua aplicabilidade para uma conscientização em larga escala e alcance eficaz na transposição para a economia de berço ao berço.

Desta forma, a responsabilidade social, frente aos impactos ambientais ocasionados por determinada marca e/ou empresa, é algo que, diretamente, abrange apenas os *stakeholders* envolvidos em sua unidade corporativa, porém é necessário se atentar para o fato de que a comunidade também é um dos *stakeholders* da organização, e de fundamental importância.

A preocupação com a sociedade é fundamental, também com os empregados, os fornecedores, os acionistas, os consumidores e o governo, que precisam ter suas necessidades identificadas e satisfeitas a fim de que seja otimizado o tempo na busca pelo sucesso amplo e conjunto; a preocupação em atender os interesses mútuos pode garantir este sucesso.

Se o sucesso das organizações envolver as necessidades de ações sustentáveis e a conscientização dos *stakeholders* consumidores o futuro do planeta estará mais bem amparado e a valoração dessas empresas, frente ao

mercado consumidor, se tornará um atraente modelo para angariar cada vez mais *stakeholders*.

O presente estudo não teve a pretensão de esgotar o assunto. A dimensão do acervo existente aponta para a possibilidade de novas pesquisas que tomem como referência os temas analisados, considerando a EC uma proposta fundamental na remediação dos problemas ambientais na atualidade, que tem em seus *stakeholders* os maiores incentivadores para que seja alcançada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, J. L. de. **A Economia Circular Aplicada no Brasil: Uma Análise a Partir dos Instrumentos Legais Existentes para A Logística Reversa 2015** Disponível em: <http://www.inovarse.org/node/3815> Acesso em: julho de 2019.

BARAKAT, S. R. **Capacidades organizacionais e a sinergia da criação de valor para stakeholders 2018** Disponível em: <https://www.fea.usp.br/administracao/eventos/doutorado-capacidades-organizacionais-e-sinergia-na-criacao-de-valor-para> Acesso em: julho de 2019.

BARDERI, M. T. **Aplicação dos Princípios da Economia Circular em uma Indústria de Veículos Comerciais 2018** Disponível em: <http://repositorio.ausjal.org/handle/20.500.12032/454542> Acesso em julho de 2019.

BAST, E. **Brasil tem quase 3 mil lixões em 1.600 cidades** Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2018/09/14/brasil-tem-quase-3-mil-lixoes-em-1600-cidades-diz-relatorio.ghtml> Acesso em: maio 2019.

BENYUS, J. M. **Biomimicry: innovation inspired by Nature**. Perennial, 2002.

BDTD. **Acesso e Visibilidade às Teses e Dissertações Brasileiras**. Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/vufind/> Acesso em: maio de 2019.

BRASIL. **Constituição Federal Lei nº 6.938/81**, Artigo 3º. I – Meio Ambiente 1981.

_____. **Constituição Federal** Título VIII Da Ordem Social Capítulo VI Do Meio Ambiente Art. 225 Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_225_.asp. Acesso em: março 2019

BRAUNGART, M.; MCDONOUGH, W.; BOLLINGER, A. **Cradle-to-cradle design: creating healthy emissions: a strategy for eco-effective product and system design**. Journal of Cleaner Production, v. 15, n. 13-14, p. 1337-1348, 2007.

BRAUNGART, M.; MCDONOUGH, W. **Cradle-to-cradle: remaking the way we make things**. New York: North Point Press, 2002.

BRUYNE, **Dinâmica de pesquisas em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

CARVALHO, N. **Stakeholders potenciais da empresa** Disponível em: <https://ninocarvalho.com/stakeholders-significado-identificacao-priorizacao/> Acesso em 18 de jul. de 2019.

CECHIN, A. **A natureza como limite da economia: a contribuição de Georgescu-Roegen 2012** Disponível em: https://www.academia.edu/4196307/A_natureza_como_limite_da_economia_a_contribui%C3%A7%C3%A3o_de_Nicholas_Georgescu-Roegen Acesso em: julho de 2019.

CINTRA, R.; AMNANCIO-VIEIRA, S.; SUZUKI, T.; COSTA, B. **Stakeholder theory: análise nos periódicos brasileiros a partir da bibliometria**. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão. P. 43-55, out/ dez 2014.

CINTRA, R. F. **Stakeholders e setor turístico brasileiro: Uma investigação na cidade de Londrina-PR 2013** Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000186400> Acesso em: maio de 2019.

CLARKSON, M. B. E. **A stakeholder framework for analyzing and evaluating corporate social performance**. The Academy of Management Review, v. 20, n. 1, p. 92-117, Jan 1995.

D'AMARIO, E. Q.; SORANZA, R. F. **A aplicação do modelo de saliência de stakeholders em gestores de bancos de varejo 2016** Disponível em: <http://www.engema.org.br/XVIENGEMA/416.pdf> Acesso em: julho de 2019.

DATSCHEFSKI, E. **The total beauty of sustainable products**. Rotovision, 2001.

DONALDSON, T.; PRESTON, L. **The Stakeholder Theory of the corporation: concepts, evidence, and implications**. Academy of Management Review, v. 20, n. 1, p. 65-91, 1995.

DYLLICK, T.; HOCKERTS, K. **Beyond the business case for corporate sustainability**. Business Strategy and the Environment, v. 11, p. 131-141, 2002.

ECO.NOMIA. **Eventos sobre Economia Circular**. Disponível em: <http://eco.nomia.pt/pt/eventos-antiores> Acesso em: abr. 2019.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **Towards the circular economy 1: economic and business rationale for an accelerated transition**. Cowes, Isle of Wight: Ellen MacArthur Foundation, 2012.

ETZIONI, A. **Modern organizations**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1964.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, n. 79, p. 257-272, Ago, 2002.

FREEMAN, R. E. **Strategic Management: a stakeholder approach**. Boston: Pitman, 1984.

FREEMAN, E. Mc V. J. **A Stakeholder approach to strategic management**. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=263511. Acesso: junhp de 2019.

FRIEDMAN, A. L.; MILES, S. **Stakeholder: theory and practice**. Oxford: University Press, 2006.

FREEMAN, R. E.; MOUTCHNIK, A. **Stakeholder management and CSR: questions and answers**. In: Um welt Wirt schafts Forum, Springer Verlag, v. 21, n. 1,

2013. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s00550-013-0266-3>>. Acesso em: março 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRELLI, C. S. **Economia Circular e Humanismo: regulação para práticas empresariais sustentáveis a partir da filosofia empresarial de Brunello Cucinelli 2018** Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/1704> Acesso em: julho de 2019.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIA EXAME DE SUSTENTABILIDADE. **Relatórios de Sustentabilidade** São Paulo: Editora Abril, Edição 0857, 2006.140 p. Edição especial

HARRISON, J. S., & BOSSE, D. A. **How much is too much? The limits to generous treatment of stakeholders**. Business Horizons, 313-322. Harrison, J. S., Freeman, E. R., & Abreu, M. C. S. D. (2015). Stakeholder Theory As an Ethical Approach to Effective Management: applying the theory to multiple contexts. Review of Business Management, 17, (55), 859-860, 2013.

HORTUS. **Fluxograma Economia Linear**. Disponível em: <http://hortusesaa.com/2017/06/economia-linear-vs-economia-circular.html> Acesso em: maio 2019.

IGUI ECOLOGIA. **Economia Circular** Disponível em: <https://www.iguiecologia.com/e-cycle-ou-economia-circular/2018> Acesso em: março 2019.

JONES, T. M. *Instrumental stakeholder theory: A synthesis of ethics and economics*. **The Academy of Management Review**, v.20(2): 404-437, 1995.

KALEYDOS. **Economia linear: o que é e por que é preciso mudar**. Disponível em: <http://www.kaleydos.com.br/economia-linear-o-que-e-e-por-que-e-preciso-mudar/> Acesso em: 10 de jun. de 2019.

LADEIRA, D. L. **Teoria dos stakeholders no contexto da Governança corporativa: um estudo de caso 2009** Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/pdma/article/view/4662> Acesso em: julho de 2019.

LEGNAIOLI, S. **Conceituando Economia**. Ecycle. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/7073-economia-linear> Acesso em: março de 2019.

LEITÃO, A. **Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o séc. XXI 2015**. Disponível em: <http://u3isjournal.isvouga.pt/index.php/PJFMA/article/view/114> Acesso em: julho de 2019.

MADARIAGA, J. G. d.; VALOR, C. **Stakeholders Management Systems: Empirical Insights from Relationship Marketing and Market Orientation Perspectives**. Journal of Business Ethics, v. 71, p. 425-439, 2007.

MAINARDES, E. W. *et al.* **Um Novo Modelo de Classificação de Stakeholders 2011** Disponível em: <http://www.sigmees.com.br/files/evento-2011-13.PDF> Acesso em: junho de 2019.

MARQUES, E. **Pesquisa com stakeholders mostra as 10 empresas mais admiradas no Brasil em 2014** Disponível em: <https://macmagazine.uol.com.br/2014/11/20/pesquisa-com-stakeholders-mostra-as-10-empresas-mais-admiradas-no-brasil-em-2014/> Acesso em: março de 2019.

MITCHELL, R. K.; AGEL, B. R.; WOOD, D. J. **Toward a theory of stakeholder identification and salience: defining the principle of who and what really counts.** *Academy of Management Review*, v. 22, n. 4, p. 853-86, 1997.

MOLA, J. L. **Hospitalidade em Venda Direta: Um Estudo de Casos Múltiplos sob a Teoria dos Stakeholders 2013** Disponível em: <https://portal.anhembri.br/dissertacoes/hospitalidade/programa-de-mestrado-em-hospitalidade-dissertacoes-defendidas-2013/> Acesso em: maio de 2019.

NERY, S. M.; FREIRE, A. S. **A Economia Circular e o Cenário no Brasil e na Europa 2017** Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_248_434_33222.pdf Acesso em: julho de 2019.

NIDUMOLU, R.; PRAHALAD, C. K.; RANGASWAMI, M. R. **Why sustainability is now the key driver of innovation.** *Harvard Business Review*, v. 87, n. 9, 25-34, 2009.

OLIVEIRA, J. A. **Pupim de. Empresas na sociedade: sustentabilidade e responsabilidade social.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

ONU. **Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), Economia Verde.** Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/4539-economia-verde> 2008. Acesso em: março 2019.

ONUBR. **Conheça os novos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/amp/>. Acesso em: março 2019.

PEREIRA, F. S.; MONCUNILL, M. F.; MONTEIRO, S. A. T. **Projetos alinhados com os preceitos da Economia Circular 2015** Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/spui/bitstream/1408/12075/2/Economia%20Circular%20Holanda%20-20Brasil%20%20%20Da%20Teoria%20%20C3%A0%20Pr%20C3%A1tica%20-%20p%20C3%A1gs.%2089%20-%2095.pdf> Acesso em: julho de 2019.

REDE CE100 BRASIL. **Economia Circular no Brasil: Uma abordagem exploratória inicial** Disponível em: https://www.ellenmacarthurfoundation.org/assets/downloads/languages/Uma-Economia-Circular-no-Brasil_Uma-Exploracao-Inicial.pdf Acesso em: julho de 2019.

RETOLAZA, J. L., & ROQUEÑI, M. R., JOSE, L. S. **An Innovative Approach to Stakeholder Theory**: application in spanish transnational corporations. *Review of Business Management*, 17, (55), 1007-1020, 2015.

ROCHA, T.; GOLDSCHMIDT, A. **Gestão dos Stakeholders**: como gerenciar o relacionamento e a comunicação entre a empresa. São Paulo: Saraiva, 2010.

ROWLEY, T. **Moving beyond dyadic ties: a network theory of stakeholder influences**, *Academy of Management Review*, vol. 22, nº 4, pp. 887-910, 1997.

SANCHES, R. S. **Análise dos stakeholders do parque tecnológico do norte Fluminense 2018** Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/10850-27833-1-SM.pdf Acesso em: julho de 2019.

SANTIAGO, L. S. P. **Transição para a Economia Circular: Possibilidades de Aplicação no Setor de Metais 2015** Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Luisa%20Santiago.pdf Acesso em julho de 2019.

SANTOS, K. P.; CAVICHIOLI, D.; ZANCHET, A. **Identificação e caracterização dos stakeholders do ramo alimentício**: um estudo de caso na cidade de Cascavel –PR. 1º Congresso de Contabilidade da UFRGS. Outubro, 2016.

SARTURI, G. **Distribuição de valor para o stakeholders funcionário e desempenho organizacional** Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-15062016-123330/pt-br.php> Acesso em: maio de 2019.

SCOTT, J. T. **The sustainable business**: a practioner's guide to achieving long-term profitability and competitiveness (2 nd ed.). Sheffield: Greenleaf Publishing Limited, 2013.

SILVA, A. C. da; GARCIA, R. A. M. **Teoria dos Stakeholders e Responsabilidade Social: Algumas considerações para as organizações contemporâneas 2011** Disponível em: <https://docplayer.com.br/3681053-Teoria-dos-stakeholders-e-responsabilidade-social-algumas-consideracoes-para-as-organizacoes-contemporaneas-1.html> Acesso em: junho de 2019.

STAHEL, W. R. **The performance economy**. London: Palgrave McMillan, 2010.

STRAUSS, A.L.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Trad. de Luciane de Oliveira da Rocha. 2ª ed., Porto Alegre, Artmed 2008.

SUCHMAN, M. C. **Managing legitimacy: strategic and institutional approaches**. *Academy of Management Journal* 20: 571-610, 1995.

UNEP - United Nations Environmental Programmes **Cleaner Production worldwide**. Paris. France Volume II UNEP: 1995.

VINCENT, J. F.; BOGATYREVA, O. A.; BOGATYREV, N. R.; BOWYER, A.; PAHL, A. K. **Biomimetics: its practice and theory**. Journal of the Royal Society Interface, v. 3, n. 9, p. 471–482, 2006.

ZAMBON, M. M. **Alternativas para a gestão dos resíduos Orgânicos urbanos: Um estudo de caso na cidade de Florianópolis 2017** Disponível em: [https://repositorio .ufsc.br/xmlui/ handle/123456789/181243](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181243) Acesso em: julho de 2019.

ANEXO A

Quadro 4: Eventos sobre Economia Circular

Data	Evento	Características
10 de Julho 2017	Desafio Societal Ação Climática: oportunidades de financiamento na temática da economia circular e cidades sustentáveis	Sessão de informação sobre o Programa Quadro H2020 2018-2020: Economia Circular e Cidades Sustentáveis
11 de Julho 2017	Economia Circular: Transição para a Sustentabilidade?	Focada nas interconexões entre a economia circular e sustentabilidade.
11 de Julho 2017	The Circular Economy and the Built Environment	Discutir a necessidade de adaptar o modelo de economia circular ao setor da construção. participação do Professor Roland Clift)
28 de Setembro 2017 a 01 de Outubro 2017	10.ª edição do Greenfest	Disseminar as melhores práticas de sustentabilidade, o Greenfest criou um programa que serve empresas e famílias.
18 de Outubro 2017 até 19 de Setembro 2017	Circular Procurement Congress - "Mainstreaming Circular Procurement"	Aplicabilidade da Economia Circular nas compras das empresas e do estado.
19 de Outubro 2017	Atelier SMART RURAL	Fabricação filamento para impressoras 3D a partir da extrusão de plástico reciclado
20 de Outubro 2017	ECO.CONSTROI	IV Workshop ECO.NOMIA, dedicado à aceleração de princípios de circularidade no <i>cluster</i> da construção, com participação de oradores nacionais e internacionais e exposição de trabalhos universitários.
06 de Novembro 2017	Conferência GPA - COTEC "Gestão Eficiente de Recursos no Contexto da Economia Circular"	"Aceleradores da Economia Circular", "Como construir uma economia circular mais verde" e "Os Transformadores da Economia Circular - Modelos colaborativos e Gestão Eficiente de Recursos"
06 de Novembro 2017	DIF - Disruptive Innovation Festival	Conferências gratuitas, disponíveis online, sobre a ligação entre: IoT, i4.0, economia circular e design.
07 a 10 de Novembro 2017	Ecomondo - Exposição internacional de Economia Verde e Circular.	Ecomondo é uma das mais conceituadas exposições internacionais na área Euro-Mediterrânica focada especificamente na Economia Verde e Circular.
21 a 23 de Novembro 2017	10.ª Jornadas Técnicas Internacionais de Resíduos	Recolha de resíduos, mais concretamente a "recolha seletiva porta-à-porta", a "recolha de biorresíduos", os "Sistemas payt", entre outros.
22 de Novembro 2017	CIEC - Conferência Internacional em Economia Circular 2017	Encontro internacional sobre Economia Circular na Maia.

22 de Novembro 2017	Economia Circular em Geotecnia Ambiental	Discussão os objetivos estratégicos da economia circular, a eficiência e desafios sociais na utilização dos geomateriais, o processamento e tratamento de resíduos e os desenvolvimentos recentes para recuperação de áreas contaminadas.
27 de Novembro 2017	1.º SEMINÁRIO CONSTRUÇÃO CIRCULAR	Projeto Construção Circular (PRCD – Prevenção dos Resíduos de Construção e Demolição), dedicado a ações de educação dirigidas aos agentes da cadeia dos RCD.
27 de Novembro 2017	Infoday: Oportunidades de financiamento de I&I na Economia Circular	Sessão de informação e debate dedicada às oportunidades de financiamento em I&I na área da Economia Circular no período 2018-2020.
28 e 29 de Novembro 2017	CIRCULAR FUTURE	Debate sobre o state of the art em economia circular em Portugal e no mundo, com um painel de oradores nacionais e internacionais.
30 de Novembro 2017	European Cooperation for Industrial Symbiosis	The workshop brings together key stakeholders in the field of IS, to present study findings and have an in-depth discussion on key topics for the success of IS, namely good practices, market-based platforms, and policy actions
23 de Janeiro 2018	2º seminário construção circular	Seminário promovido no âmbito do Projeto Construção Circular, apoiado pelo Fundo Ambiental, destinado à Região do Algarve e Alentejo.
08 de Fevereiro 2018	Mapear Economia Circular em Cidades – PORTO	Inserida no evento mundial da Circular Economy Club - Circular Economy Mapping Week - a Lipor e Câmara Municipal do Porto vão liderar o workshop no PORTO.
10 de Fevereiro 2018	Mapear Economia Circular em Cidades – LISBOA	Mapeamento das iniciativas circulares e reunião de profissionais de diferentes setores para estimular a discussão. Organizado pela plataforma Circular Economy Portugal
20 de Fevereiro 2018 até 21 de Fevereiro 2018	Circular Economy Stakeholder Conference – Bruxelas	To discuss upcoming deliverables, explore new areas of action, and share the first achievements of the European Circular Economy Stakeholder Platform
24 de Fevereiro 2018	Soluções locais para a Economia Circular	O Fundo Ambiental irá apoiar as Juntas de Freguesia em ações locais em economia circular.
05 de Março 2018	Apresentação do Repositório de Materiais	A Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos vai ser a anfitriã de uma apresentação do REPOSITÓRIO DE MATERIAIS

06 de Março 2018	Sinergias Circulares	Projeto que tem como objetivo potenciar sinergias entre os associados do BCSD na área dos resíduos e subprodutos
14 de Março 2018	Ciclo de vida, economia circular e compras sustentáveis	Objetivo discutir a ISO 14001:2015 – Sistema de Gestão Ambiental e a ISO 20400 – Sustainable Procurement Guidance
21 de Março 2018	As regiões, as cidades e as empresas promovendo a Economia Circular	Conferência internacional, dedicada às Regiões, às Cidades e às Empresas que já estão a integrar os princípios da Economia Circular nas suas dinâmicas.
22 de Março 2018	ECONOMIA CIRCULAR NA REGIÃO DE LISBOA E VALE DO TEJO	Discussão sobre economia circular no território de Lisboa e Vale do Tejo.
22 de Março 2018	3º seminário Construção Circular	O 3º Seminário sobre Construção e Economia Circular da Smartwaste Portugal
13 de Abril 2018	ALENTEJO CIRCULAR - Boas práticas na fileira da suinicultura	O Projeto ALENTEJO CIRCULAR visa alavancar oportunidades de economia circular no setor do vinho, agricultura e pecuária.
16 de Abril 2018	1ª Maratona Nacional de Projetos de Economia Circular	1ª Maratona de Projetos de Economia Circular.
18 e 19 de Abril 2018	12º Fórum Nacional de Resíduos	Destaque ao tema da Economia Circular com a presença da Comissão Europeia e da OCDE
23 de Abril 2018	AGENDAS TEMÁTICAS DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO - ECONOMIA CIRCULAR	Dinamização de workshops subordinados às agendas temáticas de investigação e inovação - Economia Circular
18 de Maio 2018	ARQUITETURA E ECONOMIA CIRCULAR	Seminário de Arquitetura e Economia Circular, na TEKTONICA.
18 de Maio 2018	RNC 2050 - o papel da Floresta	Evento temático “O papel da floresta para a descarbonização em Portugal”, inserido no âmbito do Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050.
29 de Maio 2018	Recolha Seletiva de Resíduos: Fator-chave na Economia Circular	Discussão sobre o papel da recolha seletiva de resíduos na economia circular, concentrando-se em dois fluxos específicos de resíduos (os plásticos e os bio-resíduos).
07 de Junho 2018	ALENTEJO CIRCULAR	Resultados do projeto ALENTEJO CIRCULAR e partilha de boas-práticas.
15 de Junho 2018	V Seminário Construção Circular	O papel da prevenção dos Resíduos de Construção e Demolição
20 de Junho 2018	Economia Circular no Ecossistema Metropolitano do Porto	Estimular projetos de simbioses industriais, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável.

25 de Junho 2018	Economia circular e gestão colaborativa de resíduos: A experiência do projeto UrbanWINS	Partilha da experiência e dos resultados preliminares do projeto UrbanWINS, com cidadãos, autoridades locais, organizações, empresas e investigadores.
26 de Junho 2018	SCIENTIFIC MEETING ON CIRCULAR ECONOMY AND WASTE MANAGEMENT	Scientific meeting on circular economy and waste management do projeto URBANWINS.
26 de Junho 2018	Conferência "Circular Economy in Action - the Portuguese Case"	Associação para a Representação dos Interesses Portugueses no Exterior.
28 de Junho 2018	RE-DESIGN for Performance: Conferência COTEC-GPA	Impacto na transição do modelo industrial clássico para uma 'Economia de Desempenho', com foco em casos ilustrados pela prática de empresas e de especialistas.
29 de Junho 2018	WORKSHOP ECO.NOMIA : Cidades Circulares	As cidades são centros nevrálgicos para uso e gestão de recursos. São por isso incontornáveis numa economia circular. Quais as oportunidades? Quais os avanços a nível nacional? Como progredir?
05 e 06 de Julho 2018	Circular Economy: urban metabolism and regional development	Economia Circular, Metabolismo Urbano e Desenvolvimento Regional: Desafios para um Futuro Sustentável", aprofundamento destas temáticas e apresentar exemplos de boas-práticas.
06 de Julho 2018	Global Forum on Sustainable Procurement	III Global Forum on Sustainable Procurement will be a meeting point to discuss the relevance of sustainable procurement and the challenges of its implementation
10 de Julho 2018	O Setor dos Resíduos e a Economia Circular: um roadmap	Estudo sobre a Relevância e o Impacto do setor dos resíduos na perspectiva de uma economia circular, apresentação casos de boas práticas de empresas e um roadmap de iniciativas.
25 de Julho 2018	Centro de Comunicação dos Oceanos - IV palestra	Se dedicar ao tema "O conhecimento como ferramenta das gerações futuras", sobre os plásticos no oceano.
12 de Setembro 2018	UrbanWINS Webinar: How cities pilot circular economy actions to fight urban waste	This webinar is about cities' experiences in selecting and implementing innovative circular waste management policies. Zoom in on pilot cities of Torino and Leiria.
18 a 21 de Setembro 2018	ALENTEJO CIRCULAR	Roteiro Regional para a Sustentabilidade Empresarial, para aprofundar a reflexão sobre aspetos críticos à implementação de projetos de economia circular.
26 de Setembro 2018	EU CIRCULAR BUSINESS CONFERENCE	Advancing Europe from a linear to a circular economy: a crucial need for the planet, a

		formidable source of growth, business and jobs for Europe.
03 de Outubro 2018	Agendas Locais 2018: Gestão dos Recursos	A Associação do Eco Parque do Relvão reuniu destacados representantes oficiais locais, regionais e nacionais, agentes da cadeia de valor que potencializam a gestão dos recursos existentes na região.
17 de Outubro 2018 até 28 de Novembro 2018	ACADEMIA PME - IAPMEI & LNEG	Desenvolvimento de competências e promoção de boas práticas empresariais. Discussão sobre Economia Circular, Modelos de Negócio e Ciclo de Vida.
22 a 24 de Outubro 2018	WORLD CIRCULAR ECONOMY FORUM	Forum, que irá decorrer em Yokohama, o WEF junta mais de 1000 "pensadores" e "fazedores" mundiais de EC.
22 de Outubro 2018	Workshop rede EREK - Austria	The European Resource Efficiency Knowledge Centre will hold a workshop on the topic of SMEs, circularity and Cluster organisations.
25 de Outubro 2018	The EIB Copenhagen conference on the circular economy	Events on circular economy with leading representatives from the industry, European Commission, the financing sector and circular economy project promoters.
29 a 31 de Outubro 2018	OPEN INNOVATION TOWARDS CIRCULAR ECONOMY	A FEUP, em parceria com a UPTEC, irão realizar o 9.º evento anual internacional da Business & Innovation Network (BIN@), integralmente dedicado ao tema da Economia Circular.
13 a 15 de Novembro 2018	Smart City Expo	Feira e conferencia que aborda temas estruturantes para as cidades do futuro, incluindo a economia circular
15 de Novembro 2018	Going full circle: Sustainability Summit	The Sustainability Summit Asia 2018 will discuss what needs to be done for Asia to embrace the circular economy, and in doing so to improve social services, offset climate change and achieve sustainable economic growth. Spon. by The Economist
21 de Novembro 2018	A nova economia dos plásticos	Conferência destinada aos grupos de interesse integrados na cadeia de valor dos plásticos, desde empresas a instituições públicas passando por investigadores na engenharia de polímeros e a outras partes interessadas.
22 de Novembro 2018	Powering the Circular Economy of the Future	"Powering the Circular Economy of the Future" tema deste Digital Business Breakfast, o segundo encontro de um ciclo de três iniciativas com o mote "Powering the Digital Economy".
22 de Novembro 2018	Portugal Agora - Economia Circular	"Economia Circular para acelerar Portugal" tem por objetivo diagnosticar e apresentar

		um conjunto de estratégias e propostas para a produção e consumo sustentável.
30 de Novembro 2018	(Re) Design de Produtos para uma Economia Circular	workshop interativo sobre Design Circular.
05 e 06 de Dezembro 2018	ALGARVE: Economia Circular	Seminário que visa debater a economia Circular na Região, contando com a Comissão Europeia (DG Ambiente), exemplos nacionais e internacionais e representantes dos principais setores na Região.
06 de Dezembro 2018	Metabolismo industrial e Economia Circular	A organização e dinamização de um ecossistema de inovação da AMP depende de sinergias entre todos. A Lipor promove a Conferência "Metabolismo Industrial e da Economia Circular" e o debate "Oportunidades concelhias no âmbito da Economia Circular"
13 de Dezembro 2018	Mais Economia, Menos Plástico	Projeto apoiado pelo Fundo Ambiental: mais economia, menos plástico.
14 de Dezembro 2018	+ECO.NOMIA ALENTEJO	Últimas novidades no processo de elaboração da Agenda Regional para a Economia Circular.
15 de Janeiro 2019	Avaliação de ciclo de vida e economia circular: Ponto de Encontro Lisboa E-Nova	Sessão sobre ACV e Economia Circular, orientado por Cristina Rocha (LNEG).
16 de Janeiro 2019	Transição para a Economia Circular no Setor da Água: Desafios e Oportunidades	Debate contribuindo para a sustentabilidade das políticas públicas do Setor da Água para a próxima década.
25 de Janeiro 2019	Agenda Regional de Economia Circular do Alentejo - Sessão de Capacitação em RCD	Sessão de trabalho sobre (Des)construção, associada à Agenda Regional de Economia Circular.
14 de Fevereiro 2019	EREK Spain Workshop - Madrid	Understand how the sustainable model of the circular economy and resource efficiency can improve both environmental impact and drive competitive benefits, share instruments and driving forces and detect opportunities.
21 de Fevereiro 2019	Roadshow Metabolismo Industrial e da Economia Circular	Sessão de eventos promovidos pela LIPOR e pela Área Metropolitana do Porto
22 de Fevereiro 2019	Live(ING) with LESS PLASTIC	LNEC
28 de Fevereiro 2019	Conferência: Economia Circular Pensar o Futuro de Forma Circular	Conferência organizada pela Sociedade Ponto Verde, na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
28 de Fevereiro 2019	EEA Grants - Programa Ambiente	Matchmaking em economia circular (plásticos e construção) no âmbito dos EEA grants

06 e 07 de Março 2019	2019 Circular Economy Stakeholder Conference	Is the main gathering of the European circular economy community.
07 de Março 2019	Apresentação do projeto Oceanwise	Projeto Interreg que lida com o lixo marinho na perspetiva da economia circular, focando-se exclusivamente em produtos compostos por Poliestireno Expandido e Extrudido (EPS/XPS).
19 de Março 2019	First EREK webinar: lessons learned from delivering resource efficiency support programmes to SME's in Europe	ERЕК - European Resource Efficiency Knowledge Centre - will hold its first, with focus on the lessons learned from delivering resource efficiency support programmes in Europe.
21 de Março 2019	Ciclo de conferências no ISEC	ECONOMIA CIRCULAR. Uma visão para o futuro.
02 e 03 de Maio 2019	Virtuous Circles	Come and join the Vice President of the European Commission, Ministers, Mayors, stakeholders and experts from Portugal and around Europe, to discuss moving towards a more circular economy.
03 a 05 de Junho 2019	World Circular Economy Forum 2019	Mover a economia circular global para a próxima era, refletindo valores como a igualdade social e a preservação do ambiente, tendo em vista tornar a economia circular mais justa e inclusiva, assim como beneficiar tanto ricos como pobres.
25 e 26 de Setembro 2019	International Conference on Resource Efficiency	Empresas, indústrias, organizações de apoio às empresas e intervenientes políticos numa conferência internacional de dois dias sobre eficiência de recursos e economia circular em Bruxelas, Bélgica.
30 de Setembro até 01 de Outubro 2019	European Days for Sustainable Circular Economy	Promover uma economia circular de baixas emissões de carbono e resiliente às alterações climáticas.

Fonte: Eco.nomia (2019)